



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

LUCIA FÁTIMA ZAMONER

**A ESCRITA LITERÁRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ANÁLISE
INTERSECCIONAL DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA
FAVELADA*.**

**CHAPECÓ
2024**

LUCIA FÁTIMA ZAMONER

**A ESCRITA LITERÁRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ANÁLISE
INTERSECCIONAL DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA
FAVELADA*.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção de título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Renilda Vicenzi
Co-orientadora: Profa. Me. Sara Munique Noal

**CHAPECÓ
2024**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Zamoner, Lucia Fatima

A ESCRITA LITERÁRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS:
ANÁLISE INTERSECCIONAL DA OBRA QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO
DE UMA FAVELADA / Lucia Fatima Zamoner. -- 2024.
67 f.:il.

Orientadora: Doutora Renilda Vicenzi

Co-orientadora: Mestra Sara Munique Noal

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2024.

I. Vicenzi, Renilda, orient. II. , Sara Munique Noal,
co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul.
IV. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

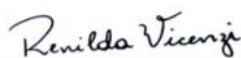
LUCIA FÁTIMA ZAMONER

**A ESCRITA LITERÁRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ANÁLISE INTERSECCIONAL DA
OBRA QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA**

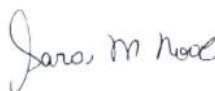
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 08/11/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi – UFFS
Orientadora



Prof.^a Ms. Sara Monique Noal – UNIOESTE
Coorientadora



Documento assinado digitalmente
DELCIO MARQUETTI
Data: 18/11/2024 14:56:25-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Délcio Marquetti – UFFS
Avaliador



Prof. Ms. Feiruque de Jesus dos Santos – UNOESC/São Miguel do Oeste
Avaliador

AGRADECIMENTOS

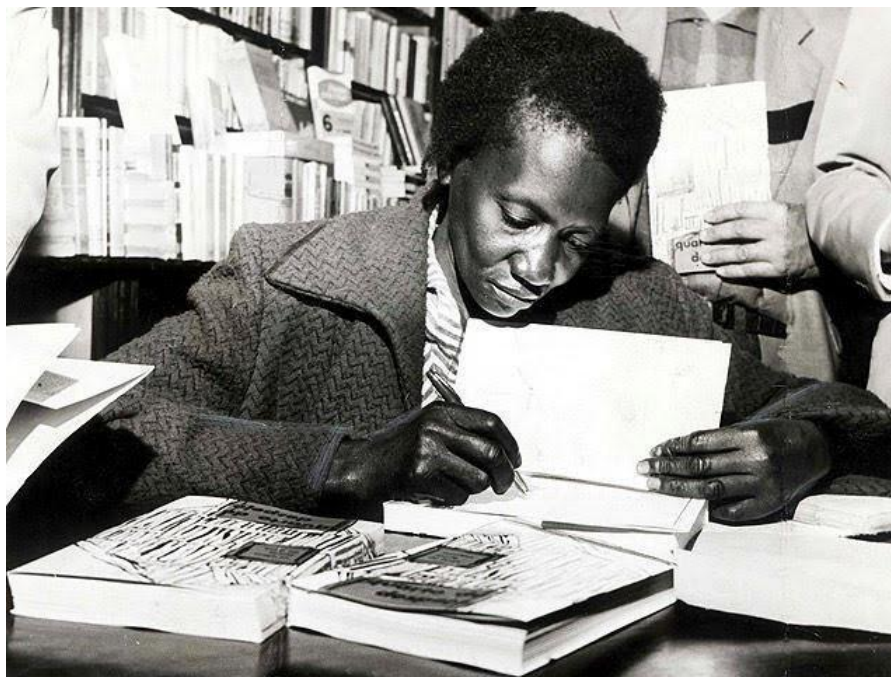
Agradeço a minha mãe Clari por sempre me incentivar durante toda a minha vida para que eu estudasse, a minha irmã Angela por sempre estar presente e me auxiliando em meus estudos e a minha esposa por sempre me inspirar a não desistir nessa longa caminhada.

Agradeço a Professora Melina Kleinert Perussatto por apresentar a mim e aos meus colegas a Carolina Maria de Jesus e a teoria interseccional, mostrando uma nova perspectiva epistêmica e uma nova possibilidade de se fazer a pesquisa histórica. Agradeço à minha orientadora Renilda Vicenzi e a co-orientadora Sara Munique Noal pela paciência e por todo apoio durante o processo de construção deste TCC.

Enfim, agradeço a todos aqueles, que de alguma forma ajudaram no projeto de concretização do trabalho.

“Eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rústico [...] Se é que existem reencarnações, eu quero voltar sempre preta”.

Carolina Maria de Jesus



Fonte: Carolina Maria de Jesus escrevendo uma dedicatória em sua obra. Disponível em <https://ims.com.br/titular-colecao/carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em 24 de jul. de 2024.

RESUMO

Os estudos e produções históricas pautadas numa perspectiva inclusiva, antissexista e antirracista dão sustentação ao processo intelectual proposto neste trabalho, que coloca em destaque a escrita literária de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre e favelada, que utilizou a escrita para registrar suas vivências e experiências a partir de uma sensibilidade analítica e crítica aguçada, que denunciava as múltiplas e perversas facetas políticas, sociais e econômicas e estruturas opressoras da vida na favela. Compreender o processo e a produção histórica circunscrita nas escrevivências de Carolina Maria de Jesus tendo a interseccionalidade como instrumento teórico-metodológico para contrapor uma historicidade eurocêntrica e colonial tidas como hegemônicas, consiste no principal escopo do exercício epistêmico aqui proposto. Para isso, a obra: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada pela primeira vez em 1960, transformou-se no principal objeto investigativo deste trabalho. O conceito de interseccionalidade foi utilizado para analisar a obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, onde procurou-se observar os aspectos políticos, sociais e econômicos presentes em suas escritas, por meio da leitura e mapeamento de situações opressoras de raça, classe e gênero experimentadas e retratadas graficamente pela autora, no período histórico por ela relatado/vivenciado. Concluiu-se que historicamente vozes, como de Carolina Maria de Jesus, intelectual negra, foram silenciadas, ocultadas, menosprezadas e invisibilizadas pela sociedade. Entretanto, sua escrita é resistência, é enfrentamento, pois revela a história “não oficial” de um Brasil pensado a partir das margens, traz à tona a verdade dos marginalizados, que a história oficial tenta violentamente abafar e ocultar, fortalecendo a importância do pensamento decolonial para o estudo crítico da história.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Interseccionalidade. Pensamento decolonial. Quarto de Despejo.

ABSTRACT

Historical studies and productions based on an inclusive, anti-sexist and anti-racist perspective support the intellectual process proposed in this work, which highlights the literary writing of Carolina Maria de Jesus, a black, poor and favela-dwelling woman, who used writing to record her experiences and experiences based on a keen analytical and critical sensitivity, which denounced the multiple and perverse political, social and economic facets and oppressive structures of life in the favela. Understanding the process and historical production circumscribed in the writings of Carolina Maria de Jesus, using intersectionality as a theoretical-methodological instrument to counter a Eurocentric and colonial historicity considered hegemonic, is the main scope of the epistemic exercise proposed here. To this end, the work: *Eviction room: diary of a favela resident*, became the main investigative object of this work. The concept of intersectionality was used to analyze the autobiographical work of Carolina Maria de Jesus, where we sought to observe the political, social and economic aspects present in her writings, through reading and mapping oppressive situations of race, class and gender experienced. and graphically portrayed by Carolina, in the historical period reported/experienced by her. It was concluded that historically voices, such as those of Carolina Maria de Jesus, a black intellectual, were silenced, hidden, belittled and made invisible by society. However, his writing is resistance, it is confrontation, as it reveals the “unofficial” history of a Brazil thought from the margins, it brings to light the truth of the marginalized, which official history violently tries to stifle and hide, strengthening the importance of thought decolonial approach to the critical study of history.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Intersectionality. Decolonial thinking. *Quarto de Despejo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	17
CAROLINA MARIA DE JESUS: Contexto político, econômico, cultural e social de sua vida	17
1.1 Metodologia da pesquisa: literatura como fonte histórica e interseccionalidade	21
1.2 Análise da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”	22
1.3 Interseccionalidade na pesquisa histórica	23
1.4 Narrativa da obra	24
CAPÍTULO 2	29
O QUE DIZ CAROLINA MARIA DE JESUS? Interpretando suas escritas na obra Quarto de despejos: diário de uma favelada	29
2.1 Categoria social: “Nós, os pobres, somos os trastes velhos”.	29
2.2 Categoria política: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome”.	40
2.3 Categoria trabalho: “Mas o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso”.	45
CAPÍTULO 3	49
A INTERSECCIONALIDADE NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS	49
3.1 Uma mulher negra favelada: gênero, raça e classe	51
3.2 O corpo para o trabalho da mulher e da mãe negra	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

O estudo da História e a forma como ela era escrita no Brasil privilegiou, durante séculos, o pensamento e os interesses de quem detinha o poder sobre ela, logo, em uma sociedade desigual, machista e racista, a história tendia a ser excludente e duvidosa, ocultando em geral o que não se enquadra em um padrão eurocêntrico, masculino e elitizado. Partindo da perspectiva inclusiva, antissexista e antirracista, nos propomos a estudar a vida de Carolina Maria de Jesus e a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), num contexto em que se propõe romper com padrões de uma historicidade colonial hegemônica, visto que ela é uma mulher, negra, favelada e escritora, dando-lhe a visibilidade e a valorização que lhe foram negadas.

O interesse em estudar a vida e obras de Carolina Maria de Jesus surgiu por meio de vivências e experiências no componente curricular Seminário Temático em História III (Gênero, raça e classe no pós-abolição), no qual foram abordadas temáticas como literatos(as) e intelectuais negros(as), o conceito de interseccionalidade, as consequências de uma história única e a necessidade de se repensar o ensino e a pesquisa histórica, para que seja representativa, procurando a partir de outras perspectivas de análise, destacar sujeitos que foram subjugados. Para além disso, partindo de um lugar de fala privilegiado enquanto mulher branca, conforme Angela Davis (2016), não basta apenas não ser racista, mas sim aderir a práticas antirracistas, principalmente no ambiente acadêmico, pelo fato de ser um espaço de privilégio social, nesse sentido, deu-se início a construção desta pesquisa, com o objetivo de analisar a escrita de Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014) em perspectiva interseccional. O problema de pesquisa é: De que forma a interseccionalidade contribui para a análise histórica crítica do pensamento de Carolina Maria de Jesus em sua escrita literária?

Carolina Maria de Jesus nasceu em Minas Gerais por volta de 1914, tendo cursado apenas a primeira e a segunda série do ensino fundamental, pois por muito tempo ela e sua família migraram em busca de trabalho. Em 1930 já estava em São Paulo, onde trabalhou de doméstica e depois de catadora de lixo reciclável, vivenciando o processo de “higienização” ocorrido na capital, em que a população

pobre passou a constituir as favelas, tidas por Carolina como o “quarto de despejo” de uma sociedade.

É que em 1848, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residiam nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos (Jesus, 2014, p. 195).

Mãe de três filhos, sendo Vera Eunice, João José e José Carlos, vivenciou a fome e a miséria diariamente enquanto morava na favela do Canindé, na cidade de São Paulo. Durante esse período de sua vida, buscava na leitura e na escrita a fuga dessa realidade tão opressora e repressora. Seus escritos eram em forma de diários, que posteriormente foram publicados pelo jornalista Audálio Dantas, com os títulos *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e posteriormente *Casa de Alvenaria, diário de uma ex-favelada*.

Conforme Meihy (1998), a obra *Quarto de Despejo* foi publicada pela primeira vez em 1960 e se trata dos diários escritos por Carolina Maria de Jesus sobre o cotidiano vivido por ela e seus filhos, a luta diária por trabalho e alimento, reflexões sobre a vida, suas relações com os vizinhos, questionamentos e posicionamentos políticos, dentre outros elementos. Já na obra *Casa de Alvenaria*, publicada em 1961 a abordagem é sobre a recepção social após o reconhecimento que ela obteve com a publicação da primeira obra, a visão que a sociedade da época tinha diante da favela, as frustrações e alegrias de viver em uma casa de alvenaria, a felicidade de se ter alimentos e roupas, além dos demais acontecimentos que experienciou naquele período. Devido à relevância literária dessas duas obras, uma delas será a fonte histórica principal desta pesquisa.

Tem-se nesta pesquisa a busca pela construção de uma história mais inclusiva/prudente que valorize as produções intelectuais contra-hegemônicas como fontes historiográficas, e que insira grupos excluídos epistemologicamente como mulheres, negros e pobres, enquanto sujeitos produtores de memória e conhecimento, visto que, devido ao machismo, ao racismo e às desigualdades sociais, a possibilidade e o reconhecimento da produção intelectual desses sujeitos foram negadas, de forma a persistirem até a contemporaneidade. Deste modo, analisa-se as obras da intelectual negra Carolina Maria de Jesus, visando

apresentar e compreender seu pensamento político, social e como trabalhadora, enquanto mulher, negra, mãe e favelada a partir do conceito de interseccionalidade, reforçando a importância do pensamento decolonial.

Um dos conceitos que norteiam a pesquisa consiste no de Intelectual Negra, composto por bell hooks (1995), que aponta como a mulher negra é inferiorizada pelas hierarquias de gênero, raça e classe, destacando a importância da valorização da produção intelectual das mulheres negras para romper com esses estigmas sociais de inferiorização das mesmas. A conceituação ocidental branca do que seria uma intelectual faz com que esse caminho de reconhecimento se torne mais difícil para mulheres negras, tornando necessária a reconceituação do que é intelectualidade, passando a ser a união do pensamento à prática, para entender sua realidade concreta. Nessa perspectiva, Carolina Maria de Jesus deve ter destaque enquanto uma intelectual negra de seu tempo, para assim romper com ideias racistas, sexistas e classistas ainda presentes em nossa sociedade.

Outro conceito que abordamos na pesquisa é o de epistemicídio, formulado por Sueli Carneiro (2005) que destaca como a sociedade nega a produção de conhecimento, a racionalidade e a cultura da população negra. Os espaços de poder, a educação e o reconhecimento são negados por uma lógica de valorização e erudição do que é europeu e branco. As produções da intelectualidade negra não têm espaço devido ao racismo, logo, a pesquisa da literatura escrita por uma mulher negra que não pôde ocupar espaços elitizados como uma universidade, é uma prática de combate ao epistemicídio, proporcionando uma maior visualização e reconhecimento da produção de Carolina Maria de Jesus dentro do ambiente acadêmico.

Conforme Lélia Gonzalez (2016) quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. Sendo assim, essa hierarquização do conhecimento legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências de conhecimento, apresentando apenas um viés da história, que atende aos interesses de quem sempre esteve e quer se manter no poder.

Há na historiografia brasileira, a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa intencional e invisibilização de muitas vozes, “esquecidas ou desqualificadas”, quase todas oriundas das margens do tecido social. Numa sociedade com múltiplas estruturas opressoras, quem tem poder, cala e silencia muitas vozes, menospreza, inferioriza e desqualifica representações e visões de mundo, tradições culturais, religiosas, literárias e produções intelectuais de grupos inferiorizados pela história hegemônica.

Na busca pela desconstrução deste paradigma, pela constituição de uma educação mais inclusiva e justa, surge a possibilidade do estudo de uma história por perspectivas como a interseccional, que abrange a relação e a interação entre gênero, raça e classe, não sobrepondo um aspecto sobre o outro, permitindo uma produção de conhecimento representativo, abrangente e emancipatório, servindo então, a interseccionalidade como uma ferramenta teórico-metodológica para o estudo de qualquer sujeito ou evento (Collins, 2017).

O conceito de interseccionalidade (da teoria crítica de raça) é criado a partir da sensibilidade analítica oriunda do pensamento de mulheres negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros, sendo cunhado pela primeira vez, pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, e após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Duran, na África do Sul, em 2001, conquistou popularidade acadêmica (Akotirene, 2019).

Akotirene, ao discorrer sobre o pensamento teórico de Kimberlé Crenshaw, destaca que,

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (Akotirene, 2019, p. 19)

A partir da interseccionalidade fica notória a matriz colonial moderna, possibilitando a compreensão das diversas formas de opressão e de desigualdade. O pensamento interseccional, nascido do feminismo negro (ou, de modo ampliado, do pensamento de mulheres negras), reconhece a possibilidade de o oprimido

corroborar com outras violências, estimulando o pensamento complexo e a criatividade, evitando a produção de essencialismos. O uso da interseccionalidade parte da articulação de identidades, reposicionando-as como identidades políticas contra a matriz opressora colonialista, que somente sobrevive pela estruturação do racismo cisheteropatriarcal capitalista (Akotirene, 2019, p. 45).

Nesse sentido, o campo literário brasileiro configura-se como excludente, sendo composto em sua maioria por homens, brancos e de classe média, que em seus escritos constroem representações de si dentro desse cenário. Uma obra literária que evidencia essa hierarquização de sujeitos históricos, é *O cortiço*, onde o romancista Aluísio Azevedo apresenta a figura do negro como escravo, sem direitos e de classe inferiorizada, escancarando o pensamento racial e extremamente estereotipado da época, que ainda ecoa fortemente na contemporaneidade.

Num contraponto a esta escrita literária racista colonial, as vozes negras protagonizam e criam personagens e histórias que enaltecem a identidade, ancestralidade, religiosidade, o cotidiano, as memórias, fazeres e saberes da população negra. Luís Gama, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, são alguns importantes nomes que utilizaram e utilizam a literatura como instrumento de resistência e denúncia das cotidianidades negras, das dificuldades, dos infortúnios, do descaso social, dos obstáculos, humilhações, sofrimentos e impasses dos(as) moradores(as) das “favelas e becos”, da violência urbana a que são submetidos. Entretanto, a literatura afro-brasileira no Brasil ainda sofre com os mecanismos de invisibilização de grupos dominantes e hegemônicos e de uma história colonialista europeia, centrada em macro-narrativas ocidentais do processo “civilizatório” brasileiro.

Dalcastagnè (2012) destaca que em uma de suas pesquisas acadêmicas sobre “a personagem do romance brasileiro contemporâneo”, analisou todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004) e constatou que de 165 autores, 120 eram homens, ou seja, 72,7% e que a homogeneidade racial estava escancarada, pois 93,9% dos autores são brancos que ocupam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico.

Sendo assim, se ocultam do meio literário as mulheres, os negros, os pobres e os trabalhadores, que para se afirmarem enquanto escritores(as), precisam se contrapor a representações já tradicionais e constantemente buscar a legitimação da sua própria construção.

Carolina Maria de Jesus, buscando por essa afirmação enquanto escritora em um campo tão monopolizado, utiliza-se de sua autenticidade em seus relatos, por mais que sua escrita não fosse somente realista, e passa a representar uma pluralidade ocultada no campo discursivo devido ao posicionamento social de seus integrantes (Dalcastagnè, 2007).

Carolina Maria de Jesus escreve a partir de sua experiência no espaço da favela, sua narrativa aborda para além do cotidiano periférico, seu olhar sobre si e sobre a cidade, sendo uma voz de denúncia aos “anos dourados”. A literatura escrita pela mulher negra busca demonstrar outras identidades e representações para além da literatura hegemônica, como Carolina fez ao ser autora, narradora e personagem de si mesma (Miranda, 2013).

É por isso, que a construção deste trabalho de pesquisa, terá sua obra: Quarto de despejo: diário de uma favelada, como objeto investigativo. O conceito de interseccionalidade será utilizado para analisar a obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, observando os aspectos políticos, sociais e culturais presentes em suas escritas, por meio da leitura e mapeamento de situações opressoras de raça, classe e gênero experimentadas e retratadas graficamente por Carolina, sobre o período histórico por ela relatado/vivenciado.

Esta escolha ampara-se no pensamento decolonial, comprometido com a igualdade global e a justiça econômica, a partir da crítica e contestação ao sistema de crenças sobre o qual se assenta a epistemologia e história da civilização ocidental. Procura-se, no movimento de análise das escrevivências de Carolina Maria de Jesus, opor-se a “Colonialidade” que equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a severa violência da colonialidade. A decolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla e que gerou e gera uma multiplicidade de opressões, violências e invisibilizações de camadas da

população excluídas da história (indígenas, mulheres, negros, pobres, pessoas com deficiência, estrangeiros, gays, lésbicas, transexuais...) (Mignolo, 2017).

A decolonialidade procura considerar as formas de vida e modos de pensamento que têm sido desqualificados pelo paradigma colonial cisheteropatriarcal eurocêntrico que desconsidera, desqualifica e inferioriza grupos identitários, suas crenças, valores, cultura, religiões, línguas, saberes, fazeres, produções e criações. A decolonialidade requer desobediência epistêmica, para que se possa deslegitimar a lógica hegemônica e excludente da colonialidade, dando voz e poder aos grupos historicamente silenciados e inferiorizados. Ela não é apenas uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de “estudo”, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer que procura desconstruir criticamente a perspectiva histórica colonial, rompendo com os padrões e conceitos impostos aos povos subalternizados e marginalizados do decurso histórico (Mignolo, 2017).

Partindo então, das escolhas teóricas e metodológicas acima dispostas, este trabalho está dividido em dois capítulos, o primeiro voltado a uma descrição da vida e do contexto social, político, histórico, cultural e econômico em que Carolina Maria de Jesus estava inserida, partindo de uma interpretação interseccional.

Já o segundo e terceiros capítulos estrutura-se a partir da análise da escrita de Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, onde procura-se destacar trechos que evidenciam o seu pensamento social, político e sobre o trabalho em suas narrativas profundas, inquietantes e provocativas, marcadas pela miséria, racismo e desprezo social. Posteriormente fazemos uso da interseccionalidade e da perspectiva decolonial como teorias de análise das experiências vivenciadas por ela na favela do Canindé, em São Paulo, compreendendo o entrecruzamento entre raça, classe, gênero e outras opressões como aspectos que constituem as singularidades de sua vida como mulher negra, pobre e favelada, articulando com processos históricos, políticos e econômicos do Brasil que atravessam, ecoam e marcam suas “escrevivências”.

CAPÍTULO 1

CAROLINA MARIA DE JESUS: Contexto político, econômico, cultural e social de sua vida

Carolina Maria de Jesus, nasceu em 1914, em Sacramento, cidade do interior rural de Minas Gerais, localizada a pouco mais de 60 km de distância de Araxá, palco de um dos maiores e mais longevos quilombos do Brasil, o Quilombo do Ambrósio. Era neta de Benedicto José da Silva, nascido em 1862, que contava a ela, ao redor da fogueira, histórias e vivências do período da escravidão, derivando dessa dinâmica familiar de valorizar a memória e a história oral, seu gosto por contar histórias e a noção de que a palavra tem grande poder (Jesus, 1986).

Vivia numa casinha recoberta de sapé, que não tinha água. O chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar. Cresceu observando, analisando, interpretando e questionando-se sobre a pobreza que inundava sua vida e sobre o lugar e fazeres da mulher negra na sociedade, sobre a condição de negra numa sociedade extremamente racista, sobre a perversidade da pobreza e privilégios da branquitude (Jesus, 1986).

Valorizava sua ancestralidade, a beleza da mulher negra e inquietava-se profundamente com o lugar da pessoa negra na sociedade e com a superioridade e privilégios do homem em relação a mulher. Cresceu com o desprezo e múltiplos sofrimentos.

Frequentou o Colégio Espírita Allan Kardec, por aproximadamente três semestres, responsáveis pela totalidade de sua escolarização formal, e nos quais conquistou a sua companhia favorita: a leitura, e moldou sua ferramenta de resistência e luta: a escrita. Apesar da grande importância que a escola formal significou em sua trajetória, Carolina Maria de Jesus foi formada por múltiplos letramentos. Foi influenciada pelas histórias de seu avô, pelas leituras do jornal “O Estado de São Paulo” pelo senhor Nogueira, que lia para as pessoas negras em Sacramento, no contexto do analfabetismo estrutural das décadas seguintes à abolição da escravidão e pelas leituras de mundo que fez ao longo de sua vida. Não era semianalfabeta, mas sim, plurialfabetizada. Suas vivências determinaram seu

apreço pela arte, música, dança, literatura, cinema, moda... evidenciado pelas suas múltiplas produções criativas/artísticas no decurso de sua historicidade (Jesus, 1986).

Mas, a escola representou para ela a perversidade extrema da pobreza e do racismo. Sofreu demasiadamente o estigma da classe e da cor. Era caracterizada pelos colegas como a “negrinha feia, dos olhos grandes, que parecia um sapo” (Jesus, 1986, p.111). Apesar do sofrimento e da sua revolta com as poucas vivências escolares, foi ali que descobriu o poder da leitura e escrita. Na sua casa não tinha livros, mas conseguia livros na vizinhança, procurava-os, pois sabia que o livro enriquecia o espírito. Nas suas leituras já analisava criticamente as representações de branco e negro na sociedade.

Dalcastagné (2014, p. 291-292) corrobora e complementa análise acima destacando que:

Por isso a menina resiste, falta às aulas, não entende o que a professora lhe pede. Só quando percebe que já consegue ler, o lugar passa a fazer sentido para ela, que, assim, adquire domínio sobre aquilo que antes lhe era estranho. No entanto, essa relação não dura muito – sua mãe precisa se mudar outra vez para ir trabalhar em uma fazenda, e a escola tem de ser abandonada. A difícil conquista do espaço e sua perda subsequente é tema recorrente nas narrativas da escritora. De qualquer forma, a leitura e a escrita serão para ela, sempre, um lugar seguro. Seu avô, analfabeto que acompanhava com alegria o êxito dos negros, lhe contara um dia que, nas cidades, eles “já sabiam ler e tinham até dinheiro no banco” (Jesus, 1986, p. 81). Portanto, nada mais lógico do que ir para lá.

Sua vida foi sendo marcada pelas idas e vindas entre cidades de Minas Gerais e São Paulo, onde o trabalho precarizado e subalternizado a perseguia, pois social e economicamente havia um lugar para o trabalho do negro(a), especialmente para a mulher negra, resquícios explícitos da escravidão e da dominação colonialista.

Minas Gerais, era governado por Delfim Moreira, dando sequência há 25 anos de domínio do Partido Republicano Mineiro, que permaneceu no poder até 1930. Esse governador, representava as preocupações das elites intelectuais do período e investiu fortemente na educação, por meio da construção de escolas, buscando um ensino profissionalizante/prático para atender as demandas da industrialização.

Além disso, procurava promover o desenvolvimento de uma moral conservadora e preconceituosa, pois para ele a criação de instituições

disciplinadoras para crianças e adultos seria uma política pública capaz de amortecer o “instinto agressivo”, “natural” de algumas “raças”, impedindo que indivíduos “potencialmente criminosos” se deixassem levar por outros meios que não os da ordem e da disciplina. Como sempre ocupou cargos de chefia e administração, aderiu fortemente a políticas higienistas, incentivando a criação de hospitais colônias, como o de Barbacena, e a imigração de estrangeiros para Minas Gerais (Viscardi, 2013).

É nesse contexto político racista e controlador, que Carolina Maria de Jesus vive sua infância e adolescência, sendo ela uma menina negra, filha de negros, que migraram para a região em busca de sobrevivência, para trabalhar no setor pecuário. Ela pode estudar apenas dois anos na Escola Allan Kardec, abandonando os estudos para poder trabalhar e migrar com sua família na busca pela sobrevivência. Em meio a idas e vindas às cidades de São Paulo e Minas Gerais, trabalhou na roça, como doméstica, e como catadora de reciclados.

Em 1948, Carolina Maria de Jesus, muda-se para a favela do Canindé, em São Paulo, onde permaneceu até 1960, grávida de seu primogênito. Em 1949, nasce João José de Jesus, em 1950, José Carlos de Jesus, seu segundo filho e em 1953, Vera Eunice de Jesus, sua terceira filha¹. Para Carolina, a maternidade foi solitária, sem rede de apoio afetiva, estatal e sem a presença paterna. Suas representações e percepções sobre a maternidade e sua experiência social num “quarto de despejo da sociedade”, ou seja, na favela do Canindé, neste período desolador de sua vida, invadem sua produção literária. A frustração e tristeza imbricam-se com sua vontade de lutar, de resistir a um cenário social, econômico e político marcado pela segregação, abandono e desassistência.

Suas vivências e sua luta diária eram invisíveis aos olhos da sociedade. Consequência de um modelo social constituído e assentado na base histórica da escravidão, no patriarcado, na supremacia eurocêntrica, num modelo civilizatório e higienista que negava e desvalorizava as populações negras, pois eram tidas como inferiores, obrigadas a residir em regiões periféricas de uma cidade considerada como o mais importante centro de desenvolvimento econômico e populacional do

¹ Biografia - Carolina Maria de Jesus, 2024. Disponível em: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia>. Acesso em: 25 de jul. de 2024.

Brasil, como a cidade que não podia parar, que estava em esplendoroso crescimento.

São Paulo era governado no período por Adhemar de Barros e passava por um processo de expansão industrial, por isso, muitos migrantes e imigrantes deslocavam-se até ela com a esperança de conseguir emprego e melhores condições de vida. Carolina Maria de Jesus, também foi seduzida pelo ideário de cidade maravilhosa que logo mostrou sua faceta perversa e oculta (Lara, 2012).

Nas escritas de seu diário, publicado em 1960 pelo Jornalista Audálio Dantas, Carolina Maria de Jesus, descreve as opressões que se entrecruzam em sua vida na periferia urbana da cidade de São Paulo, após abandonar o trabalho como doméstica e passar a viver de pequenas ajudas e da venda de sucata e papel que recolhia nas ruas. É a partir daí que nos deparamos com uma das mais impressionantes expressões do sentimento de exclusão vivenciado por aqueles que ocupam o “lado de fora” da cidade, pois encontramos na sua narrativa que se apresenta como outra perspectiva diante da história “oficial”, dos vencedores, colonizadores brancos, racistas e machistas e exploradores de pessoas, na medida em que faz um furo no discurso hegemônico, produzindo escavações nos jardins da cidade, promovendo o deslocamento das vozes das margens para o centro das reflexões sociais, vozes que a história oficial quer constantemente abafar (Benjamim, 2012).

Carolina Maria de Jesus sabia da importância cultural da leitura. “Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amargumes da vida” (Jesus, 1986, p. 159). Lia livros, como: *Os Lusíadas* de Luís de Camões, com auxílio de dicionário, procurava ler sobre a história do Brasil, tendo sido até presa por ter o hábito de ler, acusada de ler “feitiçaria”. Uma mulher negra lendo gerava incômodo, era ameaçador! Mas, a leitura a empoderava, ampliava seu repertório para compreender e ler o mundo no qual vivia, isso orientava suas interpretações sobre o Brasil e sua vida nele.

Suas percepções diante do racismo e da fome, da sua condição de mulher negra, pobre, catadora de papel, mãe solo de três filhos, ou seja, de suas e experiências como uma mulher negra e pobre brasileira, vivendo na favela da capital paulista, obrigada a morar em um lugar insalubre, aspecto que a fazia perceber-se

como um “trapo descartado”, abordadas através de seus manuscritos, de suas escrevivências, dão sustentação e subsídio material/cultural para uma nova leitura histórica e social do Brasil de forma crítica, pois passa-se a considerar a perspectiva social de quem fala, ou escreve, rompendo assim, com a história contada pela branquitude que detém o poder, ou seja, os oprimidos ganham visibilidade, poder de fala e poder epistemológico (Dalcastagnè, 2014).

1.1 Metodologia da pesquisa: literatura como fonte histórica e interseccionalidade

A literatura como forma e testemunho passou a ganhar notoriedade na América Latina a partir da metade do século XX. Na década de 1960, a literatura afro-brasileira fez denúncias ao racismo, à exploração econômica, governos ditatoriais e repressão às minorias. Essas produções estão ligadas à construção de memórias antiautoritárias e contra hegemônicas, com a emergência de narrativas dos que sofreram violações e violências ligadas a crimes contra a humanidade, compactuados pelo Estado. A produção literária de Carolina Maria de Jesus enquadra-se também enquanto do trauma, devido às violências e violações sofridas por ela ao longo de sua vida (Batista, 2015).

A literatura como fonte histórica, muitas vezes, torna-se complexa para o trabalho historiográfico, logo, esta fonte deve ser historicamente situada e o seu contexto social tem que ser definido. A literatura permite acesso ao imaginário e à mentalidade de um período, demonstrando traços que outras fontes não conseguem fornecer. Ao se pensar na literatura, para além do que está escrito, é preciso considerar quem a escreveu, sua realidade, a intencionalidade da escrita, pois uma obra é a expressão tanto do(a) autor(a), quanto de sua época e de seus leitores (Martins; Cainelli, 2015).

A história é um processo social que pode ser retratado de múltiplas formas e a literatura é uma delas, por ser uma forma de expressar modos de pensar, sentir, agir, interpretar, e conceituar as dinâmicas cotidianas da vida concreta. Portanto, a escrita literária de Carolina Maria de Jesus consistirá neste trabalho, em um importante documento de pesquisa histórica.

A dinâmica metodológica aqui proposta considerará, na produção do conhecimento histórico, a relação entre a escrita, o texto e a leitura na sua interface com as condições históricas de produção. No processo de análise da fonte documental literária, neste caso, a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, procura-se saber sobre quem fala, o que fala, de onde fala, como fala (que linguagem usa) e como um determinado receptor/leitor ou grupo de receptores/leitores recebe, interpreta, contempla, enfrenta ou resiste aos elementos escritos. Dito de outro modo, intenciona-se analisar as condições históricas dessa produção, abarcando a figura de quem a produz, o lugar social de onde se produz, como se produz, as intenções da escritora, as relações de poder que cercam e atravessam a produção e seu produto literário (Guimaraes, 2018).

O uso da literatura como fonte histórica (nesse caso do diário de Carolina e de suas outras obras) possibilita análises que privilegiavam os sentimentos e as sensibilidades na re-construção da história. O plano político ao qual esta história se refere não está presente apenas nas relações travadas pelo Estado, mas nos diferentes âmbitos da vivência social, pois o político não constitui um setor separado, sendo uma modalidade da prática social, que se concretiza no cotidiano e é reelaborado de acordo com as expectativas e experiências pessoais. Nesse sentido, os registros históricos não ficam meramente circunscritos às práticas oficiais. O processo de construção do conhecimento em história começa a ser entendido como um movimento dinâmico, que se faz em meio ao eterno (re-)pensar do humano sobre o antes e o agora, tentando, a partir de suas inquietações, formular outras interpretações sobre essa temporalidade, uma das possibilidades de busca por novas explicações encontra na literatura um documento histórico importantíssimo (Silveira, 2006).

1.2 Análise da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”

Dentro de uma pesquisa qualitativa, os verbos principais são aprender e compreender, exercendo a capacidade de se colocar no lugar do outro, que para tal, é necessário considerar as singularidades dos indivíduos, pois sua subjetividade é a representação da totalidade do seu ser. É preciso destacar, que a experiência e a

vivência de uma pessoa, depende da cultura e do contexto histórico do grupo na qual ela está inserida. Outro verbo determinante é interpretar, que sucede o verbo compreender. Nessa perspectiva, o sujeito/objeto de estudo deve ser contextualizado, ordenado e tipificado, considerando as homogeneidades e as suas diferenças. Portanto, por meio da construção da narrativa e da categorização do objeto/sujeito de estudo, consegue-se um resultado da análise (Minayo, 2012).

Logo, por meio da leitura assídua e análise da obra de Carolina Maria de Jesus, compreendeu-se ser possível categorizá-la da seguinte forma: Categoria social, categoria política e categoria trabalho. Por fim, será feita a discussão dos resultados dessa análise a partir do conceito de interseccionalidade, para ressaltar a influência entrecruzada dos marcadores gênero, raça e classe em sua realidade.

1.3 Interseccionalidade na pesquisa histórica

A interseccionalidade tem como objetivo impedir aforismos hierarquizantes ou comparativos na produção do conhecimento histórico. Ao invés de somar identidades como gênero, raça e classe, analisa-se quais condições estruturais atravessam os corpos, quais posições reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem resultados de experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, impostas pela matriz de opressão, sob o formato de identidade. Por sua vez, a identidade não pode dispensar nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, estejam explicitadas (Akotirene, 2019).

No presente estudo, a interseccionalidade servirá como teoria, método e instrumento prático (devido a sua fluidez teórica enquanto metodologia e meio de análise social) para compreender as questões de identidade, preconceito, subordinação de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna, visto que, o conceito de interseccionalidade é oriundo do movimento feminista negro.

Sendo assim, em sua obra, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus aponta suas experiências humanas, seus hábitos, atitudes, sentimentos, criações, pensamentos, práticas, inquietações, expectativas, esperanças, sonhos e suas interpretações sobre as questões diversas que

movimentam e circulam a sociedade e o tempo histórico em que vive, possibilitando a compreensão dos aspectos sociais presentes em sua vida, a partir do viés interseccional, como apontado anteriormente.

Interseccionalidade compreende um estudo crítico e analítico que considera como interconectadas características de raça, classe, etnia e gênero, que atuam como um sistema de opressão e segregação nas relações sociais. É necessário, portanto, analisar e dimensionar na pesquisa histórica, como a combinação dessas características produzem experiências e identidades e moldam uma série de significados que são (re)produzidos e mantidos na sociedade, a fim de garantir as hierarquias raciais e a existência de múltiplos processos opressores, de discriminação, inferiorização e invisibilização de determinados sujeitos sociais (Crenshaw, 2002).

A teoria interseccional busca capturar, sem hierarquizações, as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Os sistemas opressores, frequentemente, se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três, quatro ou mais eixos se entrecruzam e por isso, precisam ser analisados de forma articulada, pois muitas vezes são experimentados simultaneamente (Crenshaw, 2002).

Com base no exposto, a discussão desta pesquisa considera as diversas identidades de Carolina Maria de Jesus, por ser mulher, negra, favelada, mãe e trabalhadora, não sobrepondo uma característica sobre a outra, pois elas representam, influenciaram e formaram seu modo de ser, pensar e agir interseccionalmente. Sendo assim, o método e a teoria de discussão são a interseccional.

1.4 Narrativa da obra

Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo*, que consiste em um diário, relata seu cotidiano e a vida na favela do Canindé em São Paulo, sua relação

com o trabalho, a preocupação e o cuidado com os filhos, além dos desafios que a vida lhe traz.

Sua escrita inicia em 15 de julho de 1955, onde ela desabafa a respeito da não possibilidade de poder presentear sua filha com um par de sapatos, pois seu dinheiro mal dava para a comida, achando ela um par de sapatos no lixo, que costurou e deu a sua filha. A falta de dinheiro e de oportunidade a levava a trabalhar como catadora, mas o dinheiro que ganhava durava pouco, e possibilitava a compra de poucos alimentos. Seu cotidiano era marcado pela necessidade de catar papel, cuidar dos filhos e escrever nos momentos vagos.

“- E o bolo? Hoje eu faço anos!

- Não é bolo. É polenta.

- Polenta, eu não gosto.

Ela trouxe leite. Eu dei-lhe leite com polenta. Ela comeu chorando. Quem sou eu para fazer bolo?” (p.183).

“...Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João:

- Agora podemos dar um ponta-pé na miseria.

E gritei:

- Vai embora, miseria!” (p.186).

Na favela não havia água encanada, todos os dias Carolina Maria de Jesus enfrentava a fila para buscar água. A escassez dos alimentos a preocupava, precisava trabalhar para não faltar comida para seus três filhos, pois sabia que o pobre não tem descanso e não repousa. De vez em quando, alguém fazia alguma doação para ela, o que a ajudava a curto prazo, amenizando a angústia do medo da falta do alimento. Porém, havia interesses disfarçados de filantropia, principalmente aquela praticada por membros de igrejas e políticos, que ajudaram poucas vezes e não solucionaram problemas como a falta de emprego e moradia digna. Outro fator que a preocupava eram seus filhos, pois a vizinhança tratava-os mal, ela não podia repreendê-los por se defenderem, ao mesmo tempo que algumas ações que eles praticavam também não fossem corretas. Em um dos seus relatos, Carolina Maria de Jesus conta que, quando ela não estava em casa, uma de suas vizinhas espancava seus filhos e jogava vaso de fezes neles.

Carolina Maria de Jesus era reconhecida por seus conhecimentos e por sua valentia. Sempre conversava com seus conhecidos a respeito da vida, da política,

ajudava a solucionar os conflitos que ocorriam na favela. Para ela, a favela era um inferno, um espaço sem solidariedade, com violência recorrente, fofocas, roubos, alcoolismo, abandonado pelas políticas públicas, sendo um quarto de despejo da sociedade. Na favela, havia os que trabalhavam, os que levavam a vida, os jovens que renegavam o trabalho, as pessoas que sobreviviam de caridade, os que catam restos.

“Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares de lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos” (p.54).

Carolina Maria de Jesus arranjava qualquer trabalho para sustentar seus filhos, mas seu maior sonho era sair da favela, e que os políticos a extinguissem. Nesse contexto, sempre que saía para trabalhar, saía com medo, pois temia que algo acontecesse com seus filhos ou com seu barraco, pois eles só tinham ela para os proteger. Seu filho José Carlos com nove anos de idade, foi intimado a comparecer a 12ª delegacia, chegando lá ela percebe a consciência do tenente sobre a realidade da favela, e se questiona sobre o porquê de ninguém tomar providências, concluindo que só quem já passou fome deveria dirigir um país.

Para ela, o livro foi a melhor invenção do homem. Ela sempre escrevia, principalmente sobre a favela, tanto nos momentos em que se sentia bem, mas também em momentos de nervosismo e revoltas. A leitura lhe inspirava, buscava ler todas as noites antes de dormir, pois gostava de manusear os livros. Apesar de não ter frequentado espaços e debates, nem o ambiente acadêmico, tendo estudado apenas dois anos do primário, Carolina Maria de Jesus demonstra em sua escrita um discernimento quanto às desigualdades sociais e raciais. Em suas reflexões sobre o Treze de Maio, data da abolição da escravidão no Brasil, explicita sua simpatia pelo significado da data, ao mesmo tempo que identifica a fome como uma forma de submissão e escravidão da população pobre mesmo após a abolição.

Uma constatação diante da leitura dos escritos de Carolina Maria de Jesus, é que, de 1950 a 1956, as condições de vida eram menos precárias do que a partir de 1957 e 1958. A partir deste período, a miséria e a fome aumentaram consideravelmente em seus relatos, a ponto dela ressaltar seu desinteresse pela vida diante da fome e do sofrimento. Para ela era horrível ouvir seus filhos pedirem

“tem mais?” (Jesus, 2014), na esperança de haver mais comida; e não ter. A falta gerava nela a revolta com os políticos, que sabem da existência da favela, prometem mudanças no período eleitoral e depois a abandonam novamente. Com isso tudo se tornava fraco, a democracia, o dinheiro e os políticos. Ela e seus filhos voltaram a ter que comer coisas achadas no lixo, pois o dinheiro não dava. Para ela, o problema estava no fato do país ser governado por quem tinha dinheiro e não sabia o que era a fome, a dor e a aflição do pobre, necessitando o pobre se revoltar, pois ele era a maioria.

Em outra passagem de sua obra, relata a morte de um jovem negro, que precisou comer uma carne encontrada no lixo, pois já estava a dois dias sem comer. A fome dele era tanta que não esperou aquela carne assar, e no outro dia foi encontrado morto, sendo sepultado como um Zé qualquer, sem nome. A fome se alastrava e outros relatos de pessoas caídas, desnutridas ou a muitos dias sem comer, aumentavam em sua escrita.

Novamente ela precisou catar comida no lixo, e conclui: os favelados aos poucos têm que se convencer a imitar os corvos para sobreviver. Quando amanhecia chovendo a tristeza a dominava, pois não teria como catar papel, o que significava que não haveria dinheiro para comprar comida. Carolina tinha muitas críticas ao Serviço Social, que deveria cuidar dos pobres e ajudar a solucionar os problemas, mas ao invés disso; só se importavam com o endereço e os nomes da população pobre. As desigualdades eram tão grandes que restava aos favelados invejar aos animais, pois eles têm o que comer, Carolina Maria de Jesus escreve a situação em que uma mulher pede esmola numa casa em que lhe dão um embrulho, quando a mesma chegou em sua casa, viu que eram ratos mortos que lhe haviam dado, demonstrando a crueldade das pessoas que moravam em casa de alvenaria.

“Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiencia no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão” (p.41).

Quando conseguia comprar arroz e feijão, era dia de festa, pois até eles estavam muito caros. Já quando estava com fome não conseguia trabalhar, a fome a deixava tonta, cansada, e a sensação quando conseguia comer era maravilhosa,

pois recuperava as forças e assim conseguia catar papel e ter a certeza de que conseguiria comprar comida.

Em maio de 1958, em um contexto de profunda crise, começaram a chegar pessoas novas na favela, todas maltrapilhas, desnutridas, improvisando um barracão. Os homens desempregados, para ela substituíram os corvos. E escreveu novamente a respeito de outro homem negro, que de tanta fome, catava doces jogados fora por uma loja, em meio a lama, para ter o que comer. Os vizinhos de alvenaria olhavam os favelados com repúdio, e desejavam sua morte. Carolina Maria de Jesus relata que, quando começou a favela não havia água e precisavam pedir aos vizinhos de alvenaria, que a negavam. Além disso, a Secretária de Saúde passou avisando que a água do rio transmitia parasitas e doenças, que não era para usarem aquela água, mas era a única que tinham acesso. Nesse contexto, seus filhos adoeceram, deixando-a preocupada e aflita por não ter condições de cuidá-los com remédios. “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual - a fome!” (Jesus, 2014).

Quando a subjugaram pela sua cor, ela deixava claro que amava sua pele negra, seu cabelo rústico, e que se houvesse reencarnação ela iria querer voltar sempre preta. Para ela o branco se julgava superior, mas a enfermidade que atinge o preto, atinge o branco, se o branco sente fome, o preto também sente fome, não há diferença. Os homens brancos para ela são perversos, pois têm dinheiro, compram bens, armazenam e preferem deixar apodrecer a dar aos pobres.

Quando Carolina Maria de Jesus ia a cidade sentia-se no paraíso, pois todos estavam bem vestidos, a paisagem era encantadora aos olhos dos visitantes, que não sabiam que a cidade estava enferma, com as úlceras que eram as favelas. Em uma narração, Carolina Maria de Jesus refletiu a respeito de filhos concluindo que apenas os ricos deveriam ter filhos, pois assim as crianças podiam comer o que quisessem, quando o carro capela passou na favela, o padre disseminou a ideia de que todas as mulheres deveriam ter filhos, que a igreja daria pão para as crianças, esquecendo o padre, que não apenas de pão se criam os filhos.

Para Carolina Maria de Jesus, a vida é igual um livro, só depois de ser lido é que sabemos o que acontece, e sua vida tem sido preta, assim como sua pele e o lugar onde morava.

CAPÍTULO 2

O QUE DIZ CAROLINA MARIA DE JESUS? Interpretando suas escrevivências² na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

A interseccionalidade nos possibilita compreender como diversos fatores se interseccionam e impactam a vida dos sujeitos históricos. Carolina Maria de Jesus carregou consigo diversas formas de opressão, seja por ser mulher e mãe solo de três filhos em uma sociedade machista e patriarcal, por ser uma mulher negra em um ambiente racista e violento, ou por ser favelada e arcar com as consequências das desigualdades sociais do país, vivenciando a miséria e a pobreza cotidianamente na favela. Mesmo assim, sem acesso e com diversas formas de violências e preconceitos agregadas a si, buscava por meio de sua escrita a resistência, a denúncia e a luta contra as injustiças sociais, evidenciadas em sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em inúmeros momentos, como destacaremos na sequência a partir da seleção de trechos específicos e carregados de sentidos e significados.

2.1 Categoria social: “Nós, os pobres, somos os trastes velhos”.

A categoria social embasada pela escrita da autora – “Nós, os pobres, somos os trastes velhos” - representa o pensamento social de Carolina Maria de Jesus refletido e escrito em sua obra. Entende-se como categoria social as falas que abrangem questões como a fome, pobreza, miséria, o cotidiano na favela, os papéis sociais exercidos por ela, que são marcados pelo seu lugar enquanto mulher, negra, pobre e favelada, além de suas concepções de mundo.

A seguir apontamos passagens/fragmentos da obra que evidenciam a categoria elencada.

² Conceito elaborado pela autora Conceição Evaristo, que representa a escrita sobre o cotidiano, que carrega memórias da ancestralidade e os impactos das vivências diárias em uma sociedade racista e opressora..

Tabela I: Pensamento social

Categoria	Trechos da obra referentes à categoria ³
Pensamento Social	“O custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (p.11). “Cheguei no inferno” (p.15). “A única coisa que não existe na favela é solidariedade” (p.16). “A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade” (p.16). “E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas” (p.16-17). “Não sou dada a violência” (p.17). “Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui, Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem no meio em que vive, demostram valentia para intimidar os fracos. Há casas que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais” (p.20). “Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro dar uma refeição condigna” (p.22). “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortavel, mas não é possivel” (p.22). “O desgosto que tenho é residir na favela” (p.22). “ Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (p.22). “-O que escreve? -Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos e gente humana” (p.23). “O livro é a melhor invenção do homem” (p.23).

³ Optou-se por manter a grafia *ipsis litteris*, considerando que seu modo de escrita tem importante significado cultural e de representação do ser. Pois, conforme Lélia Gonzalez (1984), a linguagem e a escrita dos povos negros escravizados no Brasil, nomeia-se por “pretuguês”, e esse deve ser valorizado e destacado com valor epistêmico para transgredir a episteme hegemônica, como forma de valorização da cultura e da intelectualidade negra.

	“Eu falei que residia na favela. Que favela é o pior cortiço que existe” (p.25). “Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser meu diario. -Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você” (p.26). “Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: -Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam” (p.26). “Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amavel as crianças e aos operarios” (p.28). “Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpatico para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação os escravos... Nas prisões os negros eram os bodes espiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz” (p.30). “Eu classifico São Paulo assim: O palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (p.32). “Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil?” (p.33). “É assim que fazem esses comerciantes insaciaveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.” (p.34). “Compareceu o vicentino que cuidava dela. Ele vinha visitá-la todos os domingos. Ele não tem nojo dos favelados. Cuida dos miseros favelados com carinho. Isto competia ao tal Serviço Social” (p.34). “Os pardais já estão iniciando sua sinfonia matinal. As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor que dos favelaos, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer” (p.35). “Eu estou começando a perder o interesse pela existencia. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa” (p.35). “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (p.37). “Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: - Muito bem Carolina. Os generos alimenticios deve ser ao alcance de todos” (p.38). “Eu ontem comi aquele macarrão o lixo com receio de morrer” (p.39). “Revoltei contra tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da
--	--

	existencia infausta dos marginais” (p.40). “No outro dia encontraram um pretinho morto...Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome” (p.40). “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela” (p.41). “- Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa” (p.42). “Se ando suja é devido a reviravolta da vida e um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar para cima. É igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela” (p.43). “Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos ingredientes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo” (p.43). “Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia” (p.43). “Há varias coisas belas no mundo que não é possivel descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe” (p.43). “Percebi que no Frigorifico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do alcool. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrivel ter só ar dentro do estomago” (p.44). “Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome” (p.44). “Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meu olhos” (p.44). “E haverá espetaculo mais lindo do que ter o que comer?” (p.45). “Há de existir alguém que lendo o que escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (p.46). “O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremisse uma laranja” (p.46). “O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas o lixo penso: E se tiver veneno? E que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele proverbio: Quem entra na dança deve dançar. E como eu tambem tenho fome, devo comer” (p.46-47). “Cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa.
--	--

	Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aboreceu-me.” (p.47). “(…) Fui fazendo o jantar. Arroz, feijão, pimentão, choriço e mandioca frita. Quando a Vera viu tanta coisa disse: hoje é festa de negro!” (p.47-48). “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatríveis” (p.48). “Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados. Se bem que aqui tem pessoas dignas de desprezo, pessoas de espírito perverso” (p.48-49). “É quatro horas. Eu já fiz o almoço - hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa” (p.49). “E depois um homem não há e gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal.” (p.49). “E eu pensava: o meu dilema é sempre a comida!” (p.50). “Desvio meu pensamento para o céu. Penso: Será que lá em cima tem habitantes? [...] Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela?” (p.50). “As mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa” (p.50). “Eu penso que a violência não resolve nada. (...) Assembleia de favelados é com paus, facas, pedras e violências” (p.51). “O Arnaldo é preto. Quando veio para favela era menino. Mas que menino! Era bom, educado, meigo obediente. Era o orgulho do pai e de quem lhe conhecia. - Este vai ser um negro, sim senhor! É que na África os negros são classificados assim: - Negro tú. - Negro turututú. - É negro sim senhor! Negro tu é o negro mais ou menos. Negro turututú é o que não vale nada. E o negro sim senhor é o da alta sociedade. Mas o Arnaldo transformou-se em negro turututú depois que cresceu. Ficou estúpido, pornográfico, obsceno e é alcoólatra” (p.51).
--	---

	“Os meninos tomaram café e foram a aula. Eles estão alegres porque hoje teve café . Só quem passa fome é que dá valor a comida” (p.53). “Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe: - porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não Deve Chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: - o arco-íris foge de mim” (p.53-54) “Os vizinhos de alvenaria olha favelados com repugnância. Percebo os seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres. “O que eu sei é que a praga dos favelados pega. Quando nós mudamos para a favela, nós iamos pedir agua nos vizinhos e alvenaria. Quem nos dava agua era Dona Ida Cardoso. Treis vezes ela nos deu agua. Ela nos disse que nos dava agua só nos dias úteis. Aos domingos ela queria dormir até mais tarde” (p.55). “(…) Quando eu soube que o Pedrinho havia morrido afogado pensei na decepção que teve a sua avó que pedi a agua, agua, bastante água para matar os favelados e veio a agua e matou-lhe o neto. É para ela compreender que Deus é sóbrio. É o advogado dos humildes. Os pobres são criaturas de Deus. E o dinheiro é um metal criado e valorizado pelo homem” (p.56). “Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operarios, para os mendigos, que são escravos da miséria” (p.61). “Eu penso isto, porque quando eu não tenho nada para comer, invejo os animais” (p.61) “ Uma pessoa matar se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir essa Sinfonia: - Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome!” (p.63) “Devido ao custo de vida, temos que voltar ao primitivismo. Lavar nas tinas, cosinhar com lenha” (p.64). “Eu escrevi a peças e apresentava os diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta .
--	--

	Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta” (p.64). “O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge preto, atingir o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém” (p.65). “ Tudo na minha vida é fantástico. Pai não conhece filho, filho Não conhece pai” (p.66). “Penso: se a miséria revolta até as crianças” (p.66). “Passei no açougue para comprar meio quilo de carne para bife. Os preços era 24 e 28. Fiquei nervosa com a diferença dos preços. O açougueiro explicou-me que o filé é mais caro. Pensei na desventura da vaca, a escrava do homem. Que passa a existencia no mato se alimenta com vegetais gosta de sal mas o homem não dá porque custa caro. Depois de morta é dividida. Tabelada e selecionada. E morre quando o homem quer. Em vida dá dinheiro ao homem. E morta enriquece o homem. Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações ” (p.70). “Passei na fábrica (...) e catei uns tomates. O gerente quando vê repreende. Mas quem é pobre deve fingir que não ouve. Quando cheguei na favela fiz uma salada para os meninos” (p.71). “ Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no alcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamete, peço-te para dizer: - Muito bem, Carolina! (p. 74). “ Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferente da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do Sul está enferma. Com as suas ulceras. As favelas” (p. 85). “Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos” (p. 87). “Mas quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infancia, juventude e maturidade” (p.92). “Eu não posso fazer uma festinha porque isto é o mesmo que querer agarrar o sol com as mãos. Hoje não vai ter almoço. Só jantar” (p.93). “Graças a Deus que atualmente os santos estão protegendo. Porque não sobra dinheiro para eu ir no medico” (p.93).
--	--

	“Passei no Frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. (...) Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de Leão. Então recorro ao lixo” (p.93). “Atualmente é difícil para pegar água, porque o povo da favela duplica-se. E a torneira é só uma” (p.109). “No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço” (p.111). “Depois voltei e fiquei pensando na minha vida. O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles. (...) Quando eu estava preparando para fazer o jantar ouvi a voz da Juana que pediu-me alho. Dei-lhe 5 cabeças. Depois fui fazer o jantar e não tinha sal. Ela deu-me um pouco” (p.115). “Tem dia que eu invejo a vida das aves. Eu ando tão nervosa que estou com medo de ficar louca” (p.116). “Passei no Frigorífico para pegar os ossos. No início eles nos davam linguça. Agora nos dá osso. Eu fico horrorizada vendo a paciência da mulher pobre que contenta com qualquer coisa” (p.116). “A mãe está sempre pensando que os filhos estão com fome” (p.116). “Agora, o carro que faz a coleta, antes de iniciar a coleta vem na rua Paulino Guimarães e pega o lixo e põe no carro. Nôgentos. Egoístas. Eles já tem emprego, tem hospital, farmácia, médicos. E ainda vende ferro velho tudo que encontra no lixo. Podia deixar os ferros para mim” (p.119). “Ontem comemos mal. E hoje pior” (p.120). “Hoje é dia da páscoa de Moisés. O Deus dos judeus. Que libertou os judeus até hoje. O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite. E o judeu porque é inteligente. Moisés quando via os judeus descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos. Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós” (p.121). “Hoje eu estou alegre. Eu estou procurando aprender viver com espírito calmo. Acho que é porque estes dias eu tenho tido o que comer” (p.121). “No frigorífico eles não põe mais lixo na rua por causa das mulheres que catavam carne podre para comer” (p.121). “- Nos gastos quase que vocês empataram. Eu disse: -Ela é branca. Tem direito de gastar mais. Ela disse-me: -A cor não influi.
--	--

	Então começamos a falar sobre o preconceito. Ela disse-me que nos Estados Unidos eles não querem negros na escola. Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se” (p.122). “Dei-lhe uma cédula de 5 e 2 de alumínio, o dinheiro que está circulando no paíz. Fiquei nervosa quando contemplei o dinheiro de alumínio. O dinheiro devia ter mais valor que os generos. E no entretanto os generos tem mais valor que o dinheiro” (p.126). “Pensei: eu não vim ao mundo para esperar auxilios de quem quer que seja. Eu tenho vencido tantas coisas sosinha, hei de vencer isto aqui! Hey de agitar este guarda-roupa” (p.135). “Tenho dó destas crianças que vivem no Quarto de Despejo mais imundo que há no mundo” (p.138). “O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada” (p.147). “Contemplei as traças que circulavam, as baratas e os ratos que corriam de um lado para o outro. Pensei: porque é que o homem branco é tão perverso assim? Ele tem dinheiro, compra e põe nos armazens. Fica brincando com povo igual gato e rato” (p.148). “Está chovendo. Fiquei quase louca com as goteiras nas camas, porque o telhado é coberto com papelões e os papelões já apodreceram. As aguas estão aumentando e invadindo os quintais dos favelados” (p.150). “Começou a queixar-se que encontra dificuldades para viver aqui em São Paulo. Sai para procurar emprego e não encontra” (p.150). “Cheguei no açougue, a caixa olhou-me com um olhar descontente. - Tem banha? - Não tem. - Tem carne? - Não tem. Entrou um japonês e perguntou: - Tem banha? Ela esperou eu sair para dizer-lhe: - Tem. Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinária!” (p.151). “Hoje eu fiz arroz e feijão e fritei ovos. Que alegria! Ao escrever isto vão pensar que no Brasil não há o que comer. Nós temos. Só que
--	---

	os preços nos impossibilita de adquirir. Temos bacalhau nas vendas que ficam anos e anos na espera de compradores. As moscas sujam o bacalhau. Então o bacalhau apodrece e os atacadistas jogam no lixo, e jogam creolina para o pobre não catar e comer. Os meus filhos nunca comeu bacalhau. Eles pedem: - Compra, mamãe! Mas comprar como! a 180 o quilo. Espero, se Deus ajudar-me, antes de morrer hei de comprar bacalhau para eles” (p.151). “Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado meus membros. O <i>The Reader Digest</i> devolvia os originais. A <i>pior bofetada</i> para quem escreve é a devolução sua obra” (p.154). “Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome” (p.162). “Mas, se os pobres do Brasil resolver suicidar-se porque estão passando fome, nenhum ficaria vivo” (p.162). “Hoje é domingo. Eu vou passar o dia em casa. Não tenho nada para comer. Hoje estou nervosa, desorientada e triste. Tem um português que quer morar comigo. Mas eu não preciso de homem” (p.162). “Sempre ouvi dizer que o rico não tem tranquilidade de espírito. Mas o pobre também não tem, porque luta para arranjar dinheiro para comer” (p.163). “Para jantar fiz feijão, arroz e carne. A Vera está tão contente porque temos carne!” (p.165). “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (p.167). “Quando cheguei e abri a porta, vi um bilhete. Conheci a letra do reporter. Perguntei a Dona Nena se ele esteve aqui. Disse sim. (...) O bilhete dizia que a reportagem vai sair no dia 10, no <i>Cruzeiro</i>. Que o livro vai ser editado. Fiquei emocionada. O senhor Manoel chegou. Disse-lhe que a reportagem vai sair 4ª feira e que o reporter quer levar o livro para imprimir. - Eles ganham dinheiro nas tuas costas e não pagam. Eles estão te embrulhando. Você não deve entregar-lhe o livro. Eu não imprecionei com a ironias do senhor Manoel” (p.170). “Quando o João voltou com a revista, li - <i>Retrato da favela no Diário da Carolina</i> Li o artigo e sorri. Pensei no reporter e pretendo agradecê-lo” (p.171). “Ela entrou. Uma loira muito bonita. Disse-me que havia lido a reportagem no <i>O Cruzeiro</i> e que queria levar-me no <i>Diário</i> para conseguir auxílio para mim” (p.172).
--	---

	“Eu saí. Fui catar um pouco de papel. Ouço varias pessoas dizer: - É aquela que está no <i>Cruzeiro!</i> - Mas como está suja!” (p.173). “- Eu vejo que a sua vida é muito sacrificada. - Eu já estou habituada. - Se a senhora quizer ficar comigo, eu peço esmolas e te sustento. É de dinheiro que as mulheres gostam. E dinheiro eu arranjo para você. Eu não tenho ninguem que gosta de mim... Eu sou aleijado. Eu gosto muito da senhora. A senhora tá dentro da minha cabeça. Tá dentro do meu coração. Quando ele ia me dar um abraço, afastei” (p.174). “Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo?” (p.174). “Saí triste porque não tinha nada em casa para comer. Olhei o céu. Graças a Deus não vai chover. Hoje é segunda-feira. Tem muitos papeis nas ruas. No ponto do bonde, eu me separei de Vera. Ela disse: - Faz comida, que eu vou chegar com fome. A frase comida ficou eclodindo dentro do meu cerebro. Parece que o meu pensamento repetia: Comida! Comida! Comida!” (p.175). “Ele deu-me 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se” (p.178). “Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior” (p.179). “- Mamãe, é hoje que eu faço anos? - É. E meus parabens. Desejo-te felicidades. - A senhora vai fazer um bolo para mim? - Não sei. Se eu arranjar dinheiro...” (p.182). “Os lixeiros já haviam passado. Catei um pouco de papel. Passei na fabrica para catar estopas. Comecei sentir tontura. Resolvi ir na casa da Dona Angelina pedir um pouco de café. A Dona Angelina deu-me. (...) Quando eu saí disse-lhe que já estava melhor. - É fome. Você precisa comer. - Mas o que se ganha não dá” (p.182). “Quando cheguei em casa estava com tanta fome. Surgiu um gato miando. Olhei e pensei: eu nunca comi gato, mas se este estivesse
--	--

	numa panela ensopado com cebola, tomate, juro que comia. Porque a fome é a pior coisa do mundo. Eu disse para os filhos que hoje nós não vamos comer. Eles ficaram tristes” (p.186).. “Meu ideal é comprar uma casa decente para os meus filhos. Eu, nunca tive sorte com homens. Por isso não amei ninguém. Os homens que passaram na minha vida só arranjaram complicações para mim. Filhos para eu criá-los” (p.189). “O que se nota é que ninuem gosta da favela, mas precisa dela” (p.190).
--	--

2.2 Categoria política: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome”.

A categoria política reforça-se pela escrita “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome”, que retrata o pensamento político presente em sua obra. Compreende-se enquanto categoria política as abordagens quanto às ações dos políticos do período, suas perspectivas quanto aos políticos e seus posicionamentos, a forma como ela percebe o cenário político e como poderia intervir nele a partir de suas vivências na favela.

Em seguida destacamos passagens/fragmentos da obra que explicitam a categoria elencada.

Tabela II: Pensamento político

Categoria	Trechos da obra referentes à categoria
Pensament o Político	“E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda, respondi concientemente: Muito inteligente. Mas não tem iducação. É um politico de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador” (p.15). “Assim que cheguei a Florenciana perguntou-me: -De que partido é aquela faixa? -Li P.S.B. e respondi Partido Social Brasileiro. Passou o Senhor Germano, e ela perguntou novamente: -Senhor Germano, esta faixa é de que partido? -Do Janio! Ela rejubilou-se e começou a dizer que o Dr. Ademar de Barros é um ladrão. Que só as pessoas que não presta é que aprecia e acata o Dr. Adhemar. Eu, e D. Maria Puerta, um espanhola muito

	boa, defendíamos o Dr. Adhemar. D. Maria disse: -Eu, sempre fui ademarista. Gosto muito dele, e de D. Leonor. A florenciana perguntou: -Ele já deu esmola a senhora? -Já, deu o Hospital das Clínicas” (p.18). “Nas favelas os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres. As intrigas delas é igual a de Carlos Lacerda que irrita os nervos. E não há nervos que suporta.” (p.21). “O que eu aviso aos pretendentes a politica, é que o povo não tolera a fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.” (p.29). “O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos?O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mi, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.” (p.29). “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças.” (p.29). “Os visinhos das casas de tijolos diz: - Os politicos protegem os favelados. Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os politicos só aparecem aqui nas epocas eleitorais. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia suas frases de viludo. Brincava com as crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.” (p.32). “Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos de Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos politicos” (p.33). “O que o senhor Juscelino tem de aproveitavel é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome.” (p.35). “Quando um politico diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na politica para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele
--	--

	vence nas urnas. epois divorcia-se do povo, Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere nossa sensibilidade” (p.38). “A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi minha palavra falhar. Eu disse: - É que eu tinha fé no Kubstchek. - A senhora tinha fé e agora não tem mais? - Não, meu filho. A democracia está perdendo seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os politicos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia... Os politicos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (p.39). “Quem deve dirigir é quem tem capacidade. quem tem dó e amisade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que poe fazer a minoria? Eu estou do lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos politicos açambarcadores” (p.39). “De quatro em quatro anos muda-se os politicos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursaes nos lares dos operarios” (p.40). “Nas ruas e nas casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes os futuros deputados, Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos” (p.43). “Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos politicos. É engano. Os politicos só aparece aqui no quarto de despejo. nas epocas eleitorais. Este ano já tivemos a visita do candidato a deputado Dr. Paulo de Campos Moura, que nos deu feijão e otimos cobertores. Que chegou numa epoca oportuna, antes do frio” (p.45-46). “Mas eu já observei os nossos politicos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do purgatorio, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no Palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um espectador que assiste e observa as tragedias que os politicos representam em relação ao povo” (p.53). “Que dilema triste para quem presencia. As pobres querendo ganhar. E o rico não queria dar. Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes como se fossem a Rainha Elisabeth da Inglaterra quando recebeu os treze milhões em joias que o Presidente Kubitschek lhe enviou como presente de aniversario” (p.62).
--	---

	“A notícia do jornal deixou-me nervosa. Passei o dia cingando os políticos, porque eu também quando não tenho nada para dar aos meus filhos fico quase louca” (p.63). “...tinha uma mulher com uma criança que vieram e Santos e ganhou só um pão e um saquinho de bala e uma regua escolar que estava escrito <i>Lembrança do Deputado Paulo Teixeira Camargo</i>” (p.69). “Pensei: será que ele chorou? Ou está com vontade de fumar ou está com fome! Coisas tão comum aqui no Brasil. Fitei seu uniforme decorado. O senhor Kubstchek que aprecia pompas devia dar outros uniformes para os carteiros [...] Eu não gosto do Kubstchek. O homem que tem um nome esquisito que o povo sabe falar mas não sabe escrever” (p. 78). “Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O Serviço de Saude do Estado disse que a agua da lagoa transmite as doenças do caramujo. Vieram nos revelar o que ignoravamos. Mas não soluciona a deficiencia da agua” (p. 80). “ Estava nervosa e falava tanto. Parece que tem a lingua eletrica. Parecia o Carlos Lacerda quando falava do Getulio. Dizia que era ela quem lavava as roupas da mulher do Chó” (p. 81). “ Conversei com uma senhora que o seu esposo é funcionario da Prefeitura. E quiz aber em quem eu ia votar. Disse-lhe que eu voto no Dr. Adhemar” (p. 85). “Porque será que os meninos que fogem do Juizado vem difamando a organização? Percebi que no Juizado as crianças degrada a moral. Os Juizes não tem capacidade para formar o carater das crianças. O que é que lhes falta? Interesse pelos infelizes ou verba do Estado?” (p.88). “Eu ouvi dizer que o General Teixeira Lot não vai enviar tropas para o Oriente Medio. Se for assim creio que devemos considerar e venerar o nosso general que já demonstrou o seu desvelo pelo povo e o paíz” (p.94). “ Passei na sapataria. O senhor Jacó estava nervoso. Dizia que se viesse o comunismo ele havia de viver melhor, porque o que a fabrica produz não dá para as despesas. Antigamente era os operarios que queria o comunismo. Agora, são os patrões. O custo de vida faz o operario perder a simpatia pela democracia” (p.112). “- Carolina, já que você gosta de escrever, instiga o povo para adotar outro regime: Um operario perguntou-me: - É verdade que você come o que encontra no lixo? - O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animaes” (p.112).
--	---

	“Comecei ficar nervosa. Vi um jornal com o retrato da deputada Conceição da Costa Neves, rasguei e pui no fogo. Nas épocas eleitorais ela diz que luta por nós” (p.113). “Deixei o leito as 5 horas porque quero votar. (...) Na ruas só se vê cédulas pelo chão. Fico pensando nos desperdícios que as eleições acarreta no Brasil. Eu achei mais difícil votar do que tirar o título. E havia fila. A vereira começou chorar dizendo que estava com fome. O presidente da mesa disse-me que nas eleições não pode levar crianças. Respondi que não tinha com quem deixá-la” (p.124). “Graças as eleições havia muito papel nas ruas. Os rádios estão transmitindo os resultados dos eleitorais. As urnas favorece o senhor Carvalho Pinto” (p.124). <i>“Tenho nojo, tenho pavor Do dinheiro de alumínio O dinheiro sem valor Dinheiro do Juscelino”</i> (p.127). “Uma senhora chamou-me para dar-me papéis. Disse-lhe que devido ao aumento da condução a polícia estava nas ruas. Ela ficou triste. Percebi que a notícia do aumento entristece todos. Ela disse-me: -Eles gastam nas eleições e depois aumentam qualquer coisa. O Auro perdeu, aumentou a carne. O Adhemar perdeu, aumentou as passagens. Um pouquinho de cada um, eles vão recuperando o que gastam. Quem paga as despesas das eleições é o povo!” (p.128). “Nos bondes que circulavam vai um policial. E nos ônibus também. O povo não sabe revoltar-se. Deviam ir no Palácio do Ibirapuera e na Assembleia e dar uma surra nestes políticos alinhavados que não sabem administrar o país” (p.129). “Percebi que o povo continua achando que devemos revoltar contra os preços dos gêneros e não atacar-mos só a C.M.T.C. Quem lê o que o Dr. Adhemar disse nos jornais que foi com dor no coração que assinou o aumento, diz: - O Adhemar está enganado. Ele não tem coração. - Se o custo de vida continua subindo até 1960 vamos ter revolução!” (p.130). “Eu acho que o Dr. Adhemar está revoltado. E resolveu ser energético com o povo para demonstrar que ele tem força para nos castigar. Eu acho que os espíritos superiores não se vingam” (p.133). “Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém:- “Não chores por mim. Chora por vós” - suas palavras profetizava o governo do senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então doer com fome. Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la?
--	---

	É igual o governo do Juscelino!” (p.134). “Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom. Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!” (p.175). “Pedi para abençoar o Brasil. Espero que 1960 seja melhor do que 1959. Sofremos tanto no 1959, que dá para a gente dizer: <i>Vai, vai mesmo!</i> <i>Eu não quero você mais.</i> <i>Nunca mais!”</i> (p.191).
--	--

2.3 Categoria trabalho: “Mas o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso”.

Caracteriza-se por categoria trabalho suas reflexões quanto a ele, a necessidade de se trabalhar, trabalho doméstico, remuneração e jornada de trabalho, não caracterizando-se aqui a escrita enquanto trabalho, pois para a autora, o trabalho representa sofrimento, e a escrita a fuga dele.

Na sequência destacamos passagens/fragmentos da obra que demonstram a categoria elencada.

Tabela III: Pensamento sobre o trabalho

Categoria	Trechos da obra referentes à categoria
Pensamento sobre o Trabalho	“Tudo quanto eu acho no lixo eu cato para vender” (p.12). “Mas o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso” (p.12). “Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E sempre estou em falta” (p.12). “Precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até as 11,30. Quando cheguei em casa era 24 horas” (p.15). “Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los” (p.16). “Amarrei os sacos, pois as latas que catei no outro saco e vim para casa. Quando cheguei liguei o radio para saber as horas. Era 23,55” (p.17).

	“Fechei a porta e fui vender latas. Levei os meninos. O ia está calido. E eu gosto que eles receba os raios solares. Que suplicio! Carregar a Vera e levar o saco na cabeça. Vendi as latas e os metais” (p.19). “Cheguei em casa, fiz almoço. Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco. Dei almoço as crianças, e fui o Klabin catar papel. Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas humanas são capás de invadir o meu barracão e maltratar meu filhos.” (p.19). “Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me a andar suja. Já faz oito anos que cato papel” (p.22). “Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso o saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo” (p.22). “Fui na casa de uma preta lavar umas latas que ela havia pedido. Latas grandes para plantar flores” (p.25). “Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doiam tanto que eu não podia andar” (p.28). “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (p.29). “Agora eu vou na casa da Dona Julita trabalhar para ela. Fui catando papel” (p.40). “Amanheceu chovendo” (p.44). “Catei um saco de papel” (p.44). “la catando tudo que encontrava. Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado” (p.44). “Amanheceu chovendo. Tenho só treis cruzeiros porque emprestei 5 para Leia ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados” (p.45). “Uma senhora pediu-me para eu jogar um cachorro morto dentro do Tietê que ela dava-me 5 cruzeiros. Deixei a Vera com a mulher e fui. O cachorro estava dentro de um saco. A mulher ficou observando os meus passos à paulistana. Quer dizer andar depressa. Quando voltei ela deu-me 6 cruzeiros. Quando recebi os 6 cruzeiros pensei: já dá para comprar um sabão” (p.47). “De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda-feira e tem muito papel na rua ” (p.49).
--	---

	“Eu e a Vera fomos catar papel. Passei no Frigorifico para pegar linguiça. Contém 9 mulheres na fila. Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo, marcar os fatos” (p.53). “Vesti as crianças e eles foram para a escola. Eu fui catar papel. No Frigorifico vi uma mocinha comendo salsichas do lixo” (p.60). “Ela perguntou-me se catar papel ganha dinheiro. Afirmi que sim. Ela disse-me que quer um serviço para andar bem bonita” (p.60). “Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga” (p.61). “Catei um saco de papel. (...) Eu recebi só 12 cruzeiros. Catei uns tomates e um pouco de alho e vim para casa correndo porque a Vera está doente” (p.65). “Eu fui no seu Manuel vender uns ferros para arranjar dinheiro. Estou nervosa com medo da Vera piorar, porque o dinheiro que eu tenho não dá para pagar médico” (p.65). “Passei na sapataria para pegar papel. O saco estava pesado. Eu devia carregar o papel em duas viagem. Mas carreguei de uma vez porque queria chegar em casa, porque a Vera estava doente e sosinha” (p.66). “Não tinha papéis na rua. E eu queria comprar um par de sapatos para Vera. (...) Segui catando papel. Ganhei 41 cruzeiros” (p.66). “Catei mais um pouco de papel e recebi 10 cruzeiros” (p.67). “Fiz o café e vesti eles para ir na escola. Puis feijão no fogo. Vesti a Vera e saímos. O João estava brincando” (p.71). “Fui catar papel. (...) Ganhei só 25 cruzeiros. É que agora tem um homem que cata na minha zona. Mas eu não brigo porisso. Porque daqui uns dias eledesiste. O homem já está dizendo que o que ele ganha não dá nem para a pinga. Que é melhor pedir esmola” (p. 71). “ Passei o dia deitada por estar com febre e dor nas pernas. Não tinha dinheiro, mas eu havia deixado uns ferros lá no senhor Manoel e mandei o José Carlos ir pesar e receber” (p.92). “O saco de papeis estava muito pesado e um operario ajudou-me erguê-lo. Estes dias eu carreguei tanto papel que o meu ombro esquerdo está ferido” (p.112). “Fui buscar agua e fiz café. Não comprei pão. Não tinha dinheiro” (p.117). “Depois que eu trabalho e ganho dinheiro para os meus filhos, vou descansar. É um descanso justo” (p.118). “Não sei como havemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome” (p.129). “Começei queixar para a Dona Maria das Coelhas que eu ganho não dá para tratar meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miseria continua firme ao meu lado” (p.142).
--	---

	“Deixei o leito as 4 horas e fui carregar agua. Fui lavar as roupas. Não fiz almoço. Não tem arroz” (p.149). “Deixei o leito as 4 horas. Lavei as louças e fui carregar agua. Não havia fila. Não tenho radio, não vou ouvir o desfile. (...) Hoje é Dia do Trabalho” (p.162). “Hoje eu não fui trabalhar, porque a Vera e o José Carlos estão doentes” (p.168). “Na redação eu fiquei emocionada. (...) O senhor Antonio fica no terceiro andar, na sala do Dr. Assis Chatobriand. Ele deu-me revistas para eu ler. Depois foi buscar uma refeição para mim. Bife, batatas e saladas. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita que o sonho. Depois fomos na redação e fotografaram-me. (...) Prometeram-me que eu vou sair no <i>Diario da Noite</i> amanhã. Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando” (p.173). “ - Dona Carolina, eu gosto muito da senhora. A senhora quer escrever muitos livros? - Oh, se quero! - Mas a senhora não tem quem te dê nada. Precisa trabalhar. - Eu preciso trabalhar e escrevo nas horas vagas” (p.173). “Catei 2 sacos de papel e ganhei 45 cruzeiros. Fiquei desesperada. O que é que eu vou fazer com 45 cruzeiros?” (p.187).
--	--

CAPÍTULO 3

A INTERSECCIONALIDADE NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus utiliza a escrita como instrumento de fuga e sistematização da sua multiplicidade de análises e reflexões, sobre seu complexo cotidiano de mulher negra, num país constituído historicamente a partir da desigualdade social e racial de processos opressivos e discriminatórios. A sensibilidade e resistência imbricam-se brilhantemente nas escritas de Carolina Maria de Jesus, pois a dor e criticidade fundem-se em seus relatos da vida em uma favela sob uma perspectiva única e original, por ser de quem nela vive.

A escrita de uma mulher negra, mãe solo, moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, apaixonada por livros, porém, privada do acesso à escola, devido ao seu lugar social, onde a pobreza e miséria direcionavam os lugares que determinados grupos podiam ou não ocupar ou acessar, evidencia aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais do seu tempo histórico de vivências.

No processo de escrita, Carolina Maria de Jesus libertava-se momentaneamente, alimentava seus sonhos e desabafava sobre as experiências de sua vida como favelada. Marcada pelo estigma social de classe, pela repressão histórica de sua identidade étnica, devido a processos sucessivos de opressão e discriminação e pela invisibilidade da sua condição de gênero, pois as mulheres historicamente foram caladas, diminuídas, subjugadas e segregadas político e socialmente.

Utilizando a interseccionalidade como uma lente de análise das experiências narradas pela escritora negra, é possível compreender o entrecruzamento entre raça, classe, gênero e um conjunto de opressões vivenciadas por Carolina Maria de Jesus, como aspectos que constituem as singularidades da sua história de vida numa interface com a história do Brasil, da identidade nacional e identidade de grupos sucessivamente marginalizados: mulheres, negros, pobres, indígenas, pessoais com deficiência, estrangeiros, lésbicas, gays e transexuais...

Que lugar social Carolina Maria de Jesus ocupava num país que historicamente procurou excluir a população negra de seus projetos políticos e econômicos de construção da nação brasileira? Que espaços geográficos, políticos e culturais ela, como mulher negra, acessava? Qual o impacto de um projeto de sociedade capitalista que intensifica e alimenta-se com o conflito de interesses e existência de classes antagônicas onde o sistema político de dominação da classe é extremamente rigoroso e seletivo? (Gonzalez, 2016).

Carolina Maria de Jesus, socialmente e economicamente vivia e sentia o impacto da cristalização de desigualdades extremas, inclusive do ponto de vista geográfico, pois a favela é o espaço dos(as) marginalizados(as) socialmente, em um sentido de projeto de estado para que esses lá habitem. É como ela mesma descreve é “o quarto de despejo da sociedade” (Jesus, 2014, p. 195), pois é o espaço da pobreza, da miséria de quem deve viver à margem, os excluídos. Contudo, a favela também representa a cultura e a resistência à um sistema discriminatório e segregador, emergindo intelectuais como Carolina, que faz com suas produções uma denúncia a essa realidade e ao mesmo tempo valoriza quem está presente com ela, em um sentido de colocar quem habita as favelas enquanto sujeitos produtores de conhecimento e de bens sociais, independente do pensamento vigente naquele período.

A extraordinária força criativa e crítica da escrita de Carolina Maria de Jesus, intersecciona múltiplas categorias de análise, como gênero, raça e classe, que se fundem ao seu pensamento social, político e sobre o trabalho manifestado em seus provocativos e profundos relatos de sua vida como favelada que envolvem temas como: pobreza, violência, racismo, medo, miséria, fome, cotidiano, costumes, trabalho, relações sociais, discriminação, sistema opressor, política, subordinação, vivenciados por uma mulher negra e pobre.

É com base nisso, que o olhar interseccional nos ajuda a compreender a somatória de processos opressivos vividos por Carolina Maria de Jesus, marcados pelas conexões entre gênero, raça e classe (Collins apud Moreno, 2015). Essa será a dinâmica intelectual analítica proposta a seguir, por considerar que raça, classe e gênero são categorias de análise que estruturam todas as relações sociais, políticas e de trabalho.

3.1 Uma mulher negra favelada: gênero, raça e classe

Ao pensarmos sobre como a questão de gênero influenciou a construção da identidade de Carolina Maria de Jesus e seu posicionamento em sua escrita, podemos destacar dois contextos. O primeiro está relacionado à criação e as vivências dela enquanto uma mulher negra, e o segundo, o que foi ser uma mulher impactada por esse contexto.

Carolina Maria de Jesus carregava consigo e em sua formação, o fato de ser uma mulher negra, com pouco acesso a instituições de ensino, em que desde a infância esteve trabalhando nos subempregos ou como catadora, até passar a residir na favela, tornando-se mãe solo. Assim, é o enfrentamento dos desafios do cotidiano a base da construção de sua escrita, e da sua formação enquanto escritora.

Sendo assim, o gênero é um fator que se cruza com a raça e a classe constantemente, pois no período em questão, quem produzia literatura, poesia ou outro gênero artístico eram, em sua grande maioria, homens brancos, pertencentes à elite, sendo poucas as exceções. No caso das mulheres, embora possamos citar nomes de escritoras brasileiras como Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, entre outras, nenhuma delas teve uma trajetória social próxima à realidade experienciada por Carolina Maria de Jesus. O fato de uma mulher negra, proveniente do mais baixo estrato social, “semianalfabeta”, ficar famosa por meio de uma produção literária, rompia com determinados padrões hegemônicos sociais e culturais da época.

Desafiar esses padrões, no entanto, gerou a ela muitas situações de críticas, questionamentos em relação às suas condutas, tentativas de colocá-la enquanto promíscua, ou seja, questionamentos voltados ao ser mulher negra. Nesse sentido, nos parece que Carolina Maria de Jesus só foi aceita enquanto aquela mulher, negra, favelada, catadora de lixo, que falava e vivia a miséria, e não enquanto uma intelectual, produtora de escritos críticos e/ou poéticos (Silva, 2019).

Em diversos momentos da obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada percebemos como a questão de gênero foi determinante nas escolhas que teve que tomar. Antes mesmo de chegar à favela já percebemos essa questão nos próprios

trabalhos aos quais ela recorreu. Durante grande parte de sua vida Carolina foi empregada doméstica, exercendo funções como cozinheira, lavadeira de roupa, ou cuidando dos filhos dos patrões nas fazendas onde residiu. Nesse sentido, observamos como desde sua infância teve seu futuro impactado tanto pela desigualdade social em que se encontrava, como também pelo fato de ser mulher.

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados. (Jesus, 2014, p.48-49).

O trecho acima nos revela essa dupla perspectiva, pois evidencia as escolhas profissionais norteadas pelo gênero, no caso da perspectiva de ser professora, por exemplo, como também a questão da desigualdade, visto que ao se referir às “contingências da vida”, se referia a dura vida encarada por ambas, com árduas jornadas de trabalho, baixa remuneração e a necessidade de migrar constantemente (Gonzalez, 2020).

No que tange o trabalho, provavelmente Carolina Maria de Jesus só rompe com as ocupações comumente desempenhadas por mulheres (lavadeira, cozinheira, empregada doméstica), no momento em que se torna mãe e é forçada a mudar de profissão, tornando-se catadora de papel. É nesse momento também que Carolina passou a residir na favela do Canindé, como ela mesmo narra em seu diário: “Ressolvi ir no patrimonio pedir um lugar aqui na favela eu ia ser mãe. E conhecia a vida infausta das mulheres com filhos e sem lar. Vi muitas crianças morrer ao relento nos braços das mães” (Jesus, 2014, p.25). Assim, essa transição é muito interessante de ser observada, pois ela nos revela nuances da intersecção na sua condição social.

A cata de papel, apesar de ser um trabalho árduo, lhe permitia uma flexibilidade de horários, muito importante na situação em que se encontrava, por dois motivos. Primeiramente, temos que considerar como nos idos de 1948, tornar-se mãe era sinônimo de arcar com a responsabilidade quase total da guarda do filho, ainda mais no caso dela, onde a ausência paterna se deu desde o início da gravidez. Essa flexibilidade também era importante para que ela pudesse continuar a escrever, pois conseguia, minimamente, definir seus dias e horas de ambos os

trabalhos. Por fim, a cata de recicláveis lhe permitia um rendimento quase diário, na casa dos 100 cruzeiros. Como ela aponta: “No principio tinha vergonha de catar papel. Quando comecei achar anel de ouro e outras obgetos de valôr no ixo, comecei interessar pelo oficio mas, a gente precisa fazer qualquer cerviço para ganhar e custear a vida” (Jesus, 2014, p. 37).

Outra percepção presente na obra trata-se do cotidiano na favela, em que as demais mulheres julgam Carolina pelo fato de ser mãe solo, pois para o período, o que se esperava de uma mulher era que fosse casada. Carolina sofria rejeição das demais mulheres que a tratavam mal e a seus filhos também:

A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade (Jesus, 2014, p.16).

Contudo, Carolina refletia sobre o que seria melhor para seus filhos e para sua produção intelectual, nesse sentido, não sobrava espaço para um homem/marido em sua vida, pois temia as consequências de se relacionar com alguém que não compreendesse a importância da escrita para ela. O fato de ser uma escritora que necessitava ser catadora para sobreviver e dar o mínimo aos seus filhos dificultava as suas produções, mas não a impedia de lutar pelo seu sonho de ser reconhecida e contar a sua própria história, como fica evidente nos trechos:

Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” . E ainda, “e depois um homem não há e gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal.” (Jesus, 2014, p. 22 - 49).

Os privilégios masculinos eram percebidos e questionados por Carolina Maria de Jesus na época, que recordando de sua infância tece uma crítica peculiar ao ser homem no Brasil, de como o poder de decisões e o poder político estavam atrelados a figura masculina a ponto dela se questionar o quão melhor seria ser um homem privilegiado do que ser uma mulher negra.

“Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia

os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para minha mãe:

- porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não Deve Chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe:

- o arco-íris foge de mim” (Jesus, 2014, p.53-54)

Em sequência podemos discutir a respeito do ser mulher negra periférica e ser mãe, o que mudou diretamente os rumos da vida de Carolina, momento em que seus filhos se tornam prioridade para além de sua escrita, demonstrando o quão complexo é o ser mãe, desde o processo de criação ao cuidado de seus filhos em um contexto de falta de alimento e de segurança. Um dos trechos aborda a visita de um dos pais de seus filhos, relatando a violência e os abusos que as mulheres estão sujeitas dentro de seus próprios lares: “a mãe está sempre pensando que os filhos estão com fome”. O que fazer com a fome?“... Ele deu-me 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se” (Jesus, 2014).

3.2 O corpo para o trabalho da mulher e da mãe negra

Outra discussão necessária diz respeito à construção do ser mulher negra na sociedade brasileira, da hipersexualização dos seus corpos, da oferta de subempregos e de funções braçais as mulheres negras de pele retinta, além da não visualização de mulheres negras enquanto mulheres, partindo do princípio de que ser mulher é ser frágil, vulnerável, delicada e digna de cuidado, só que essa visão é imposta a mulheres brancas e não ofertada às mulheres negras, como consequência de uma construção racista da sociedade. Ao se pensar Carolina Maria de Jesus enquanto mulher negra, a ela nada de cuidados foram dados, somente trabalho, abandono pelas figuras masculinas que passaram em sua vida, ou uma visão somente sexual dela enquanto mulher, demonstrando a quão desrespeitada enquanto mulher ela era (Gonzalez, 2016).

De acordo com Lélia Gonzalez (2016), para se obter um melhor entendimento sobre a realidade das mulheres negras no Brasil, devemos compreender o contexto histórico da formação social e cultural dessas mulheres. Para tal, é necessário abordar o processo de escravidão no Brasil, mais especificamente sobre o conceito de miscigenação, no qual as relações inter-raciais eram consequência da violência sexual praticada pelos homens brancos, que gerou um “embranquecimento” intencional da população, o que fomentou o surgimento do mito da “democracia racial”, colocando a população negra como passiva àquela situação, buscando ocultar a luta e as revoltas dessa população, desconsiderando, por exemplo, o surgimento e o fortalecimento dos quilombos e das demais formas de resistência a violência e a repressão dos senhores escravocratas.

Há uma tentativa de “docilizar” as relações étnico raciais, principalmente no pós-abolição, quando emergiram as teorias raciais, justificando as ações dos brancos enquanto heróis, superiores e salvadores, e da população negra enquanto perversa, incapaz, inferior. Essas teorias visavam justificar de forma “científica” os preconceitos, a violência e o próprio processo de escravização da população negra. No Brasil, os abolicionistas não pensavam de forma homogênea, muitos eram a favor do fim da escravidão, ao mesmo tempo em que queriam a manutenção das distinções sociais entre as raças, em contraponto aos demais que compreendiam a importância da reintegração da população negra na sociedade, de forma justa, ou mesmo por meio da luta, das fugas, do confronto aos capitães do mato, entre outras formas de resistência. O pós-abolição marcou a tentativa das elites de manter as hierarquias raciais estruturadas durante a escravidão, o objetivo do Estado era justamente manter as desigualdades. Nesse sentido, a população negra liberta se organizava para discutir as questões de raça e novas formas de resistência a nova realidade que enfrentavam, a da opressão mascarada, devido ao fato de haver a justificativa do fim da escravidão como resolução dos problemas raciais no país. Para Wlamyra Albuquerque e Fraga Filho (2006, p.65).

Carolina em seu diário aborda a questão da imposição da distinção social entre as pessoas brancas e as pessoas negras, destacando que o pensamento social da época ainda estava refletindo as teorias raciais, colocando o branco

enquanto superior, entretanto ela coloca a não distinção real entre as raças e simplesmente a intenção da população branca de se colocar enquanto superior.

“O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém” (Jesus, 2014)

“ Eu escrevi a peças e apresentava os diretores de circos. Eles respondia-me:
- É pena você ser preta.
Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta” (Jesus, 2024, p.64).

Apesar da repressão e dos não ouvidos devido a sua cor, Carolina Maria de Jesus se posiciona enquanto uma mulher negra que resiste ao pensamento hegemônico, que ama sua negritude e luta por sua valorização. O trecho acima reflete diretamente sobre as barreiras raciais enfrentadas por ela durante sua carreira de escritora, pois o fato de ser uma mulher negra a impedia de ter o reconhecimento e a oportunidade que deveria pelo seu talento e por suas produções: “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (Jesus, 2014, p.167).

O trecho acima é um desabafo de Carolina sobre os impactos de ser uma mulher negra que reside na favela, porque em sua maioria, as pessoas que estavam habitando a favela eram pessoas negras, em uma condição de vulnerabilidade social, consequente na imposição do estado e da sociedade paulista do período que buscavam reforçar as distinções de raça e de classe. Quem vivenciava esse cotidiano sofria as consequências de não ter acesso ao mínimo, gerando revolta e sofrimento. Ao fazer a referência de sua vida ser preta e da favela ser preta, ela critica a condição em que eles estão tendo que viver, devido às distinções raciais e sociais a eles impostas.

Ao analisarmos as distinções de classe (desigualdade social, ausência de estado, preconceitos, intencionalidade das favelas, compreensão de Carolina Maria de Jesus sobre o que é a favela, discurso hegemônico *versus* realidade social), um dos aspectos que podemos observar com clareza na obra é a falta de condições básicas de subsistência presentes na favela do Canindé. Essa perspectiva nos permite uma dupla análise: tanto a carência material experienciada por esses sujeitos, como também a quase total ausência do Estado naquele lugar.

Na favela não havia água encanada, todos os dias Carolina Maria de Jesus enfrentava a fila para buscar água, demonstrando a total ausência de preocupação do Estado perante as favelas, como destaca, “Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O Serviço de Saude do Estado disse que a agua da lagoa transmite as doenças do caramujo. Vieram nos revelar o que ignoravamos. Mas não soluciona a deficiencia da agua” (Jesus, 2014, p. 80).

Nesse trecho fica visível que o governo sabia das condições e dos riscos que os moradores da favela estavam expostos, mas nada fazia para que essa realidade mudasse, conforme fala Carolina, os moradores compreendem as consequências de estarem em contato com uma água insalubre, mas nada além disso resta para eles. “Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiencia no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão” (Jesus, 2014, p.41). E segue:

Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: - Muito bem Carolina. Os generos alimenticios deve ser ao alcance de todos” (Jesus, 2014, p.38).

“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças.” (Jesus, 2014, p.29).

“Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares de lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos” (Jesus, 2014, p.54).

Para Carolina Maria de Jesus o maior problema era a negligência do Estado, enquanto aparato político, que não buscava por inclusão ou dar acesso ao mínimo para quem habitava as favelas no período, era justamente o “Quarto de despejo” de São Paulo, onde todos sabiam que a miséria se fazia presente, mas nada fizeram para que isso fosse resolvido, reforçando a desigualdade social e o afastamento dos favelados dos grandes centros, buscando os deixar as margens para que não

refletisse no reconhecimento de São Paulo enquanto um centro potencial de desenvolvimento econômico do país.

É importante destacar que o abandono político dos grupos historicamente excluídos e marginalizados é histórico e é parte estrutural da constituição do estado brasileiro. Chalhoub (1996), analisa essa dinâmica segregatória em suas análises históricas sobre a proliferação dos cortiços na cidade do Rio, que se deu a partir das décadas de 1850 e 1860, e esteve ligada ao aumento do fluxo de imigrantes portugueses e ao crescimento do número de alforrias obtidas pelos escravos.

Os pobres e as pessoas negras sempre incomodaram quem detinha o poder político hegemônico, pois eram considerados ameaças sociais, pessoas perigosas. Do cortiço à favela, a opressão, dominação, violência, a repressão contínua e multifacetada, conduzida e ordenada por estruturas e entidades políticas, arrastou-se pelo tempo histórico e permanece até os dias atuais. O abandono e as intervenções violentas das autoridades constituídas no cotidiano dos habitantes da cidade, sob todas as alegações possíveis e imagináveis, eram e são hoje um lugar-comum nos centros periféricos urbanos brasileiros.

A intimidação, o menosprezo e o ódio de pessoas negras e pobres por parte de grupos e instituições políticas é algo extremamente atual, pois são vistos como problema e ameaça e não como sujeitos de direitos. Do Império à República um conjunto de processos discriminatórios permaneceram e foram ganhando novas facetas. É pertinente aqui, destacar alguns aspectos do contexto histórico, político e econômico em que Carolina Maria de Jesus viveu, e que se entrecruzam com seus relatos cotidianos.

A construção histórica de São Paulo, onde localizava-se a grande favela Canindé, se deu pela dominação e exploração de mão de obra atrelada e justificada pela ideia de desenvolvimento e progresso que foram disseminadas ali. O surgimento de São Paulo é marcado pela exploração e cristianização das populações indígenas (XVI à XVII), passando para a exploração da mão de obra escravizada durante o auge das produções de café (XVIII), chegando até fase da utilização dos trabalhadores imigrantes (estrangeiros e brasileiros advindos de outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste) que possibilitaram e alavancaram o desenvolvimento industrial de São Paulo (final do século XIX e início

do século XX).

Durante esse processo de desenvolvimento, urbanização e de formação da classe trabalhadora paulistana, estava presente a teoria do racismo científico, que determinava distinções de raça, em que os brancos eram superiores e qualificados enquanto os não brancos eram degenerados, isso em um contexto em que a maioria da população paulista não era branca, emergindo então a ideia de branqueamento da população, havendo incentivo a vinda desses imigrantes europeus para São Paulo para branquear a cidade e assim haver o progresso, perpetuando e construindo uma mentalidade de distinções entre as raças.

O aumento da produção de bens e de produtos em São Paulo tornava ela um lugar visado para quem precisava de emprego, atraindo muitas pessoas para lá, contudo, a riqueza e os centros urbanos eram destinados aos ricos e brancos que habitavam as cidades, enquanto a população negra, pobre e trabalhadora não tinha espaço dentro desses grandes centros urbanos, sendo eles destinados às favelas que se construíram naquele período. (Schucman, 2012, p. 59-64).

Nesse contexto, Carolina Maria de Jesus chega a São Paulo em 1937, que representava no período a oportunidade e o desenvolvimento, e para ela principalmente o ambiente ideal para ser escritora, mas chegando lá se percebe que não era efetivamente o que prometia ser.

As vezes eu empregava, dormia nos empregos. Não procurava quartos. Era a crise de habitações. E quando eu não tinha dinheiro dormia no albergue noturno. Nem sempre os bons ventos me favorecia. Ressolvi ir no patrimonio pedir um lugar aqui na favela eu ia ser mãe. E conhecia a vida infausta das mulheres com filhos e sem lar. Vi muitas crianças morrer ao relento nos braços das mães. (Jesus, 2014, p. 25)

A fama era de oportunidade, porém a realidade da população pobre paulista era de falta de moradia e de condições mínimas de subsistência, Carolina Maria de Jesus, quando descobre que vai ser mãe busca por moradia, e a única opção que encontra é a Favela do Canindé,

[...] resolveram instalar os favelados as margens do Rio Tietê, no bairro do Canindé. E ficou ao cargo do patrimonio colocar os favelados. E começou a transferência. E os favelados mais de mil pessôas só falavam no Dr. Adhemar. Enalteciam o Dr. Os terrenos eram medido por um fiscal. 6 de frente, 12 de fundós. Uns ficava contente, outros achava que era pouco. O grave problema. A agua para beber. Para lavar usavamos o Tietê (Jesus, 2014, p. 24).

As favelas ficavam às margens dos rios e afastadas do centro da cidade, não havia um planejamento desses espaços, os moradores de lá não tinham acesso ao saneamento, energia e água potável, o governo tinha apenas que dar um destino aquelas pessoas para não afetar a ideia de uma São Paulo rica e desenvolvida, deixando os favelados sem condições mínimas e sem apoio do Estado, mesmo os moradores dos centros achando um privilégio os favelados terem “ganhado” aqueles terrenos do governo.

Por se tratar de uma grande cidade em expansão fabril, São Paulo era a escolha de muitos migrantes e imigrantes na busca de empregabilidade. Contudo, esses processos migratórios geraram uma crise de moradia urbana, desencadeando a expansão das favelas em São Paulo entre os anos 1930 e 1950, que aumentou gradativamente após os anos de 1970. Para além disso, as favelas têm sua origem nos cortiços, tendo como fator gerador, além da falta de moradia, o processo de modernização e higienização social proposta por políticos, em que se buscava “embelezar os grandes centros”, construindo edifícios e avenidas, removendo e despejando em espaços precários as populações pobres (Lara, 2012).

O Estado de São Paulo era governado no período por Adhemar de Barros do Partido Social Progressista, famoso por ser um bom administrador e ter concluído grandes construções como o Hospital Clinicas, a rodovia Anchieta e Anhanguera, Adhemar de Barros se dizia defensor das classes populares, e buscava por meio de ações paternalistas conquistar apoio popular. Contudo, em 1951, Jânio Quadros assumiu o governo denunciando a corrupção durante o governo de Barros, que foi cassado em 1966 (Cotta, 2008).

A mentalidade das populações pobres era de que Adhemar se preocupava com elas, a própria formação das favelas em um primeiro momento foi vista como algo “positivo” para Carolina Maria de Jesus, pois para ela e para os demais moradores ele buscou os dar um “lar”. Porém, apesar dela ter o terreno, teve que construir seu próprio barraco sozinha, sem apoio de ninguém, mesmo estando grávida.

Todas as noites eu dava duas viagens. Eu ia de bonde, e voltava a pé com as tabuas na cabeça. Treis dias eu carreguei tabuas dando duas viagens. Dêitava as duas horas da manhã. Eu ficava tão cansada que não conseguia dormir. Eu mesma fiz o meu barracozinho. 1 metro e meio por um metro e meio. Aquê tempo eu tinha tanto mêdo de sapo. Quando via um sapo

gritava pedia socorro. Quando eu fiz o meu barracão era um Domingo. Tinha tantos homens e nenhum auxiliou-me sobrou uma tabua de quarenta centimetro de largura era em cima dessa tabua sem colchão que eu dormia” (Jesus, 2014, p. 25).

Além da pobreza, Carolina Maria de Jesus experienciou o racismo da população paulista. Durante esse processo de construção do barraco e estando gestante, ela sofria e cansava demais, quando não aguentava de exaustão ouvia dizeres como “ Negra nova podia e pode trabalhar mas prefere embriagar-se” ou “Ela é sosinha. Deve ser alguma vagabunda”. Concluindo que é crença generalizada que as pretas do Brasil são vagabundas (Jesus, 2014, p. 26).

Ao pensar a mulher negra e sua relação com o amor, Nascimento (2021) pontua que as relações são complexas, pois a construção psíquica da mulher negra é afetada pela discriminação racial e pelas imposições políticas e sociais que ser uma mulher negra carrega consigo. Sendo assim, a tendência é que a mulher negra evite relações amorosas por temor a dominação da figura masculina, ao mesmo tempo em que esses homens são construídos a buscarem por mulheres com padrões de beleza embranquecidos para se relacionar, enquanto a mulher negra é vista como um objeto sexual e não como uma possibilidade de vínculo e de afeto, assim sendo, o encontro de um relacionamento formal é extremamente abalado pelo racismo (Gonzalez, 2016).

Devido a esse fator, Carolina era uma mulher negra e mãe solo, o que incomodava as pessoas ao seu entorno, pois não ter um marido naquele período representava não ter valor para a sociedade, contudo, esse fator pode ser pensado enquanto uma escolha consciente dela, pois ela não aceita agressões e submissão, enquanto condições dentro de um matrimônio, aconselhando quando possível as demais mulheres a não se sujeitarem a violências., Entretanto, as relações eram mais complexas e a falta de acesso ao mínimo fazia com que muitas mulheres da favela se sujeitaram a esses casamentos: “Sempre a gente despertava com um grito de socorro. Era mulheres apanhando dos esposos. No outro dia as vezes eu interferia como conselheira depóis, vendo que não obtinha resultados com os meus conselhos, deixei de imiscuir” (Jesus, 2014, p.25).

Entretanto, a maternidade gerou para Carolina Maria de Jesus muitas dificuldades, pois não teve o apoio de ninguém durante suas gestações. Os pais de

seus filhos nunca deram a ela e as crianças suporte para que tivessem o mínimo de qualidade de vida. Seus relatos sobre seus partos e seus puerpérios são dolorosos e solitários, em contraponto às mulheres brancas de classes altas que nesse mesmo período eram incentivadas e idolatradas enquanto sua função maternal.

Dia 27 de janeiro de 49 percebi que estava prestes a ser mãe. Pedi a D. Adelia minha vizinha que entendia de parto para me fazer companhia. Disse: Não posso! E eu gostava muito dela. Tudo de bom que eu tinha na casa eu dava, como peixe tudo que eu comprava dividia com ela. Diante de sua recusa o meu afeto por ela, arrefeceu. Eu gemia. E nenhuma vizinha interessou-se por mim. A extinta Marina do Adalberto condeou-se, vendo-me ali sosinha e Deus. Chamou assistência e levou-me para o Hospital das clínicas. Eu estava matriculada lá. Azeitaram-me. As dores multiplicava-se passei três dias no extertor. Dia 1 de Fevereiro de 1949, as cinco horas o menino nasceu.” (Jesus, 2014, p. 26).

Com a chegada do primeiro filho as dificuldades aumentaram, e a complexidade da criação de seu filho sem o apoio de ninguém se acentuou, pois, para poder trabalhar não tinha com quem o deixar, mas não podia ficar sem catar papel, devido ao fato de precisar de comida: “Eu deixava o menino sosinho e Deus no barracão e de manhã eu saía para catar papel, o depósito era na rua Joaquim Murtinho. Eu recebia o dinheiro e vinha correndo. Eu dizia para o dono do depósito. Pesa o meu papel depressa porque os meus seios estão cheios de leite. E o leite dória-me. As vezes transbordava.” (Jesus, 2014, p. 28)

Pouco tempo depois engravidou novamente, e o abandono da figura paterna se repetia, Carolina aumentou seu barraco para a chegada do seu segundo filho, mesmo gestante trabalhando assiduamente, até o momento do parto, e novamente a solidão nesse momento.

Eu, gemendo. Desci. Deis uns passós e sentei. Um senhór que ressidia aqui na favela chamou um taxi pagou para levar-me para maternidade. Dentro do carro eu já não podia sentar. Quando cheguei na maternidade São Paulo receberam-me. E a parteira perguntou-me:

—A senhora veio sosinha?

Eu vinha de bonde. Quando cheguei no largo São Bento, a dor aumentou-se e um senhor pagou o carro para mim. Quem vai para maternidade não pode ir sosinha. precisa vir acompanhada. Olhou-me e perguntou-me:

—A senhora não é louca?

—Não. E nem pretendo enlouquecer-me.” (Jesus, 2014, p. 36)

Sem recursos para criar seus filhos, contava com doações e com o pouco que o pai da criança lhe dava, o que não resolvia seu problema com a falta de alimento,

ainda em período de dieta em que deveria estar de repouso, teve que voltar ao trabalho de catadora, precisava dar o mínimo aos seus filhos, mesmo que isso a levasse a exaustão.

Fiquei apreensiva precisava comprar leite em pó para o menino. Talco, açúcar, e outros pertences. E os cinquenta cruzeirós, não dava! Quando completei dez dias de dieta fui trabalhar. Pus uma cinta saia às 6 da manhã e voltava ao meio dia. Vinha pensando no menino. Meus seios doía de tanto leite. Chegava abluia-me, e dava de mamar o menino.” (Jesus, 2014, p. 37)

Com sua última filha, Vera Eunice, não foi diferente, talvez tenha até sido pior, desde o primeiro dia teve que se virar, alimentar seus filhos, abdicando de si em prol deles.

Dois meses depois, tive a minha filha Vera Eunice. Nasceu dia 15 de julho de 1953. Quem assistiu-me foi a Flôrela e D. Maria Puerta. Depois do parto, eu fiquei na cama. A. D. Zulmira deu-me de comer para mim, e meus filhos. Não apareceu uma mulher para auxiliar-me carregar uma lata d’água, ou lavar minhas roupas.

Foi o dia que passei uma cêde horrível não podia levantar para tomar água. Meus filhos ficaram sujos, e toda hora vinham na minha cama pedir pão. Eu tinha uns pedaços de pão duro que eu havia catado no lixo, descascava os pães, e dava para eles comer. O pai de minha filha apareceu, mas não me deu um tustão. Disse que estava residindo no Rio de Janeiro, para eu não procurá-lo. E eu pensava. Se eu tivesse tido essa criança no Butantan, quem sabe se as cobras auxiliava-me. Entre os animais talvez, existe solidariedade”. (Jesus, ano, p.42)

Os relatos de Carolina Maria de Jesus escancaram um conjunto de violências geradas a partir da ineficiência política do estado em relação à garantia dos direitos fundamentais, como alimentação, moradia, segurança e saúde, que garantem o mínimo para uma existência social digna. Tal questão está conectada com o desemprego e subemprego que incide justamente sobre a população marginalizada, que se conecta diretamente com a escravidão e formação de uma sociedade de classes com grupos hegemônicos dominantes que gerenciam a opressão por deterem poder econômico (Gonzalez, 2016).

Em contraponto a realidade das mulheres brancas de classe média de seu período em que a maior dificuldade estava no questionamento de qual seria a melhor conduta de uma mãe, Carolina Maria de Jesus enfrentava a realidade de ser uma mulher, negra, favelada e mãe solo, enquanto nas revistas femininas a maternidade era enaltecida, para quem vivenciava a maternidade sem recursos e sem apoio a realidade era diferente. Os rumos de sua vida foram totalmente

modificados após a maternidade, pois foi por conta dela que passou a habitar a favela do Canindé, e por seus filhos que abdicou de empregos formais para poder ter tempo de cuidá-los, e ao mesmo tempo conseguir conquistar diariamente alimento e o que conseguia de conforto para eles. Carolina Maria de Jesus se construiu enquanto poetisa enfrentando todas as intersecções e dificuldades que cruzaram sua trajetória, deixando em suas produções e escritos os relatos de sua experiência e de sua luta diária.

Tendo por base os trechos da obra selecionados nas tabelas I, II e III, que correspondem respectivamente ao pensamento social, político e sobre o trabalho evidenciados nessa obra de Carolina Maria de Jesus, podemos destacar por meio da perspectiva interseccional, as justificativas para seu pensar e agir no mundo, partindo da sua posição social enquanto mulher, negra, favelada, mãe e escritora. Esta discussão visou compreender as influências destas características nas vivências, no cotidiano e no pensamento de Carolina Maria de Jesus.

Desta forma, o pensamento social de Carolina Maria de Jesus, aparece nas suas representações da realidade da favela, das relações sociais, nas suas concepções de mundo, concepções morais, revoltas, angústias e saberes. Vale ressaltar, que o espaço social ao qual ela estava inserida influenciou totalmente em suas percepções, sendo possível destacar três campos de intersecções principais, tais como: gênero, raça e classe.

Quanto ao gênero, sua escrita nos revela as dificuldades de ser uma mãe solo, tendo que sustentar a si e aos seus filhos sozinha, educar, cuidar do lar, da alimentação, não podendo parar de trabalhar, pois isso a impossibilitaria de sobreviver.

Enquanto mulher negra, vivenciava cotidianamente o racismo, pois só restava a ela residir em uma favela e catar papéis e demais recicláveis, em busca da subsistência, dependendo da carestia por meio de doações ou de oferta de subempregos por pessoas de classes altas, além de sua percepção a respeito do desprezo das pessoas que não residiam na favela quanto aos favelados, devido a estigmatização das populações que residiam nesses espaços, principalmente pela cor que representava a favela.

Já a classe é o fator de maior revolta em Carolina Maria de Jesus, pois para ela a pobreza, a fome, a miséria e falta de moradia, não deveriam existir. A luta por ter onde morar dignamente e o que comer é muito marcante em toda a sua escrita, assim como a maldade e a perversidade das desigualdades e da ganância dos sujeitos. Aos pobres restavam os barracos, as favelas, a falta de acesso a tudo, e principalmente ao mínimo, que é a alimentação diária.

Dentro do seu pensamento político, Carolina Maria de Jesus denuncia a negligência dos políticos e do Estado perante a favela, pois a reconhecem quanto um problema social, que precisava de mudanças, de auxílio, de saneamento e investimentos, mas ao mesmo tempo, só faziam promessas em períodos eleitorais e depois não apareciam mais na favela. A atitude dos políticos era a da carestia, dando esmolas, para um contentamento momentâneo, não visando realmente modificar as estruturas e solucionar as desigualdades.

Carolina Maria de Jesus acreditou em muitas dessas promessas, até desistir dos políticos, pois para ela, quem deveria governar um país era quem já havia passado fome, e que conhecessem a pobreza, mas no Brasil, a política estava nas mãos dos homens, brancos e ricos, que nunca compreenderam o que é a fome.

A partir do seu pensamento sobre o trabalho, Carolina Maria de Jesus expressa as dificuldades a respeito do valor do trabalho, pois por mais que trabalhasse todos os dias, o dinheiro mal dava para a comida. Nesse sentido, ela catava papel, metais, fazia faxinas, trabalhos inconvenientes a outras pessoas que a pagavam alguns cruzeiros para que ela os fizessem, além do trabalho doméstico agregado a sua construção social enquanto mulher. Ou seja, a maioria do seu dia era ocupado pelo trabalho, caso ela adoecesse, ela e seus filhos passariam fome. Essa condição se construiu perante sua condição de mulher, negra e favelada, que a impossibilitava o acesso a outras formas de emprego (Gonzalez, 2016).

Portanto, ao analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, se torna indispensável considerar o lugar ao qual estava inserida socialmente, pois pensar somente um aspecto, como por exemplo, a classe, deixaria de lado todas as outras vivências e conhecimentos que ela construiu sobre sua realidade. A interseccionalidade, permite uma maior compreensão de como era a vida de

Carolina Maria de Jesus, além de possibilitar o entendimento sobre suas revoltas, críticas e anseios sobre o projeto brasileiro de nação.

A condição social, econômica e política da mulher negra em nossa sociedade revela a presença de uma história universal, hegemônica e colonial que remonta aos períodos da escravização, que perduraram no país por mais de três séculos. Período em que as mulheres negras foram reduzidas à condição de objetos de uso laboral, sexual e doméstico. Este processo histórico dá sustentação aos processos de marginalização, inferiorização e invisibilização da mulher negra ainda arraigados nas relações sociais brasileiras e que precisam ser rompidos e desconstruídos, fazendo com que as vozes de mulheres negras historicamente discriminadas e oprimidas ecoem por múltiplos espaços políticos e acadêmicos redirecionando e reposicionando o lugar da mulher negra na história e na produção do conhecimento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da interseccionalidade como teoria social crítica e como ferramenta de análise, possibilitou um movimento intelectual de abstração, compreensão e conceituação/categorização de fenômenos sociais e históricos complexos que interseccionam, classe, ao gênero e à raça, considerando também, os elementos da cultura, da história, da economia e da política no estudo da obra: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da mulher negra, submersa em diversas opressões escrevendo sobre sua essência e existência, Carolina Maria de Jesus, (Akotirene, 2019).

Constatou-se que por ter sido desenvolvida a partir do movimento feminista negro, a interseccionalidade pode nos ajudar a evidenciar, a partir da escrita de Carolina Maria de Jesus, a condição de vulnerabilidade social e econômica na qual as mulheres negras e pobres foram histórica e sistematicamente colocadas e mantidas.

Este trabalho pauta-se e destaca, no estudo histórico, a voz de uma mulher negra que sofreu na pele as consequências da desigualdade social escancarada pela vida cotidiana na favela, onde sua condição de mulher, negra e pobre foram analisadas de forma interseccionada, pois suas vivências relacionadas com o gerenciamento do seu “barraco” às margens do rio Tietê, a maternidade solo, com o trabalho sub-humanizado, precarizado, a insegurança e medo constantes, o racismo enfrentado cotidianamente e com outras sucessivas violências devido a sua condição social, seu lugar de inferiorização diante da esplendorosa e vaidosa cidade de São Paulo, a vida periférica, a fome, a dor, a desassistência estatal/política...estavam totalmente conectadas, formando as bases estruturais da dominação e subordinação por ela vivenciada. Há uma interação complexa entre as estruturas opressoras que se vincula as questões de raça, classe e gênero concomitantemente, sem hierarquizações, que a constituem e a identificam socialmente.

Historicamente vozes, como de Carolina Maria de Jesus, foram silenciadas, ocultadas, menosprezadas e invisibilizadas pela sociedade. Mas, sua escrita é resistência, é enfrentamento, pois revela a história “não oficial” de um Brasil pensado

a partir das margens, traz à tona a verdade dos marginalizados, que a história oficial tenta violentamente abafar e ocultar. Conforme destaca Bosi (2003, p. 15),

[...] os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode contar com as paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.

Cabe aos estudos históricos reconhecer e dar destaque às perversidades de um paradigma hegemônico, racista e segregador da sociedade, denunciando as visões históricas distorcidas de humanidade que exclui, violenta, silencia e mata.

A escrita única, original e inquietante de Carolina Maria de Jesus, que retrata de forma sensível, subjetiva e crítica o seu cotidiano, suas vivências, experiências, lutas, enfrentamentos, dores, sofrimentos, percepções únicas sobre questões sociais, econômicas e políticas, coloca em evidência a sua competência analítica e de resistência aos contínuos e cruéis processos opressores por ela sofridos e que devem ser objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, que ocupam-se com a disseminação do pensamento feminista negro, que coloca a mulher negra em evidência, numa sociedade cisheteropatriarcal branca e de base europeia, extremamente machista e racista.

Intencionou-se com este trabalho investigativo, colocar em evidência as vozes que ecoam das margens das cidades, de lugares tidos socialmente como periféricos, que crescem e rompem com as máscaras do silenciamento imposto à força pelos autoproclamados donos da prerrogativa da fala e, portanto, da prerrogativa de se imporem enquanto sujeitos que falam de si em primeira pessoa (Kilomba, 2019).

Carolina Maria de Jesus é uma das muitas mulheres negras que resistem frente ao avanço do capitalismo patriarcal sobre os nossos corpos, trabalho e territórios (Collins, 2015).

É fundamental confrontar a perspectiva ainda hegemônica de que apenas uma pequena parcela de homens e mulheres da elite, em sua maioria brancos(as), que exclui uma parcela grande da população do poder, da fala, do lugar de sujeitos sociais e históricos. A utilização da escrita literária de Carolina Maria de Jesus, subjugada e considerada de menor relevância, por grande parte da elite intelectual

acadêmica brasileira, tenciona e contesta o lugar imposto à mulher negra pela sociedade, enaltecendo a negritude e sua capacidade de produção intelectual.

É fundamental analisar quem conta a história, como conta, de que forma conta e com qual intenção conta, pois ela pode ser excludente e parcial. Por isso, partiu-se de uma perspectiva inclusiva, antissexista e antirracista no estudo da história, para analisar pelo viés da historicidade, a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus, buscando romper com determinados padrões, a partir da valorização sua experiência enquanto mulher negra, mãe, trabalhadora e favelada.

Que este incipiente estudo, baseado no acesso as “escrevivências”, de Carolina Maria de Jesus, termo criado por Conceição Evaristo e que pode definir as vivências, experiências, pensamentos, medos, dores, dúvidas, tristezas, belezas, contradições, apreensões do mundo político, econômico e social de Carolina em uma escrita de si e a partir de, mas que por outro lado emite tantas outras vozes que foram caladas e silenciadas pelas opressões sucessivas de uma sociedade que se ergue e se mantém imbuída por doenças sociais, como o racismo, misoginia, sexismo, machismo, dentre tantos outros ismos, provoque inquietudes e interesses múltiplos na ampliação do debate, estudos, e pesquisas sobre a historicidade, o pensamento feminista negro e interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BATISTA, Grazieli Chirose. **Pobreza, racismo e trauma**: Reflexões sobre Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus. Florianópolis, p.1-9, jul. 2015.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: **Obras escolhidas I**: magia, técnica, arte e política (8a ed., pp. 241-252). Brasiliense, 2012.

Biografia - Carolina Maria de Jesus, 2024. Disponível em: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia>. Acesso em: 25 de jul. de 2024.
BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado FEUSP. São Paulo, 2005.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p.7-17, jun. 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019. 14 p. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. Disponível em: https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo_patricia-hill-collins.pdf. Acesso em: 25 de mar. 2024.

COTTA, Luiza Cristina Villaméa. **Adhemar de Barros (1909-1969)**: a origem do "rouba, mas faz". Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CRENSHAW, K. (2002). Documento para o encontro de especialista em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, 10(1), 171-188.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias nas narrativas contemporâneas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p.18-31, dez. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4110/3112>. Acesso: 25 de jul. de 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberic@I: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, v. 2, p. 11-15, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na literatura brasileira contemporânea. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 44, p. 289-302, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

hooks, bell. “Intelectuais negras”, 1995. Disponível em: <<https://goo.gl/bEwfrQ>>. Acesso em: 24 de jul. de 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes Felicidade?** São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. 110p.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LARA, Fernão Lopes Ginez de. **Modernização e desenvolvimentismo**: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro. 2012. 361 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11032013-111954/publico/2012_FernaoLopesGinezDeLara_VCorr.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2024.

GUIMARAES, Jaciara Borges. Uma Literatura que Transforma: Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada de Carolina Maria De Jesus. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, v. 4, n. 2, p. 101-109, ago. 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista ciências sociais hoje, Anpocs, 1984.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 399-516.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA. Londrina, 2015. p. 3889 - 3901. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus**: emblema do silêncio. Revista Usp, São Paulo, p.82-91, mar. 1998.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), p. 12-32, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa**: teoria, passos e fidedignidade. Ciênc. saúde coletiva. 2012, vol.17, n.3, p.621-626.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: experiência marginal e construção estética. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

MORENO, Renata (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 4).

RATTS, Alex (Org.). Beatriz Nascimento: Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Eliane da Conceição. Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero. **Século XXI – Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 21-52, 30 out. 2019. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2236672537081>.

SILVEIRA, Cristiane da. Entre A História e a Literatura: A Identidade Nacional em Lima Barreto. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 44, p.115-146, 2006.

VISCARDI, Cláudia. M. R. Delfim Moreira. Verbetes expandidos. In: ABREU, Alzira Alves de. (Org.). **Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)**. 1ed. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2013, v. 1, p. 30-46.